



REVISTA

CIFRA PLAY

— A Vitrine Musical do Novo Talento —

A EVOLUÇÃO DA MÚSICA

— Do vinil ao streaming —



1877
Fonógrafo

1900
Gramofone

1948
Vinil

Anos 60
K7

1979
Walkman

Anos 80
CD

Anos 90
Discman

Anos 2000
MP3 / iPod

Hoje
Streaming



UMA VIAGEM
PELA HISTÓRIA DO SOM



DO ANALÓGICO
AO DIGITAL



QUAL FASE
VOCÊ VIVEU?

EXPEDIENTE



Revista Cifra Play – 2ª Edição



Direção Geral e Edição

E.R. Passos
Jornalista – MTB nº 0071248/SP



Matérias, Pesquisa e Produção de Conteúdo

Estúdio Cifra Play



Fotos e Imagens

Estúdio Cifra Play
Acervo dos artistas participantes
Imagens produzidas e tratadas
para fins editoriais



Diagramação e Projeto Visual

Grupo E.R. Passos



Revisão Editorial

Equipe Cifra Play



Capa e Arte Final

Grupo E.R. Passos



Publicação

Revista Cifra Play



Contato Comercial e Editorial

WhatsApp: 11 97744-1200
Site: www.revistacifraplay.com.br



Distribuição

Digital e promocional



Observação Editorial

A Revista Cifra Play é uma publicação voltada à valorização da música, dos artistas independentes, compositores, produtores e empreendedores da área musical. As matérias, histórias e informações publicadas têm caráter informativo, cultural e editorial, respeitando a trajetória e a identidade de cada artista participante.



Direitos Reservados

É proibida a reprodução total ou parcial deste conteúdo sem autorização prévia da direção editorial da Revista Cifra Play.
Grupo E.R. Passos – Todos os direitos reservados.



Editorial



Chegamos à segunda edição da Revista Cifra Play com mais força, propósito e compromisso com a música independente.

Esta edição mantém o espírito que deu origem à revista: abrir espaço, valorizar histórias, revelar talentos e mostrar que por trás de cada voz, composição e canção existe uma trajetória de luta, sonho e amor pela arte.

A música independente segue crescendo e encontrando novos caminhos. Hoje, artistas, compositores e produtores constroem sua presença nas redes sociais, nas plataformas digitais, nas rádios online e no coração do público.

A Revista Cifra Play chega como uma vitrine para esses talentos. Cada matéria é pensada com respeito, carinho e responsabilidade, dando voz a quem canta, escreve, compõe, produz e acredita no poder transformador da música.

Nesta segunda edição, reunimos histórias inspiradoras, artistas em destaque e trajetórias reais de superação, recomeço e realização.

Mais do que uma revista, a Cifra Play é um movimento de valorização cultural e de apoio à música independente.

Agradecemos a todos os artistas, compositores, parceiros, leitores e colaboradores que fazem parte desta caminhada.

Que esta edição abra portas para novos sonhos, novas histórias e novas canções.

Boa leitura.

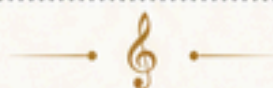
E. Reis Passos
Revista Cifra Play



Sumário



A Evolução da Música	Pág. 05
1877 – O Fonógrafo	Pág. 06
1900 – O Gramofone	Pág. 11
1948 – O Vinil	Pág. 17
Anos 60 – A Fita Cassete	Pág. 22
1979 – O Walkman	Pág. 27
Anos 80 – O CD	Pág. 32
Anos 90 – O Discman	Pág. 37
2001 – MP3 e iPod	Pág. 42
Evolução dos Players	Pág. 47
MYXA	Pág. 52
Nova Rádio Cifra Mix	Pág. 56
Lebrubi	Pág. 58
Embaixadores Cifra Play	Pág. 61
Cláudio Lodi	Pág. 69
Lançamentos	Pág. 74



A EVOLUÇÃO DA MÚSICA

Do vinil ao streaming: a jornada dos tocadores que mudaram a forma de ouvir o mundo

A história da música não é feita apenas de artistas, canções e estilos. Ela também é feita de máquinas, invenções, objetos e tecnologias que mudaram para sempre a maneira como as pessoas escutam, compartilham e guardam suas músicas favoritas. Antes de a música caber em um celular, ela já passou por cilindros, discos, fitas, CDs, aparelhos portáteis, arquivos digitais e plataformas online. Cada época teve seu próprio jeito de ouvir música. Cada geração teve um player que marcou sua memória. Esta matéria é uma viagem pela evolução dos tocadores de música e das mídias sonoras. Uma caminhada que começa no som mecânico, passa pelo encanto do vinil, pela liberdade do walkman, pela praticidade do CD, pela revolução do MP3 e chega ao universo infinito do streaming.



1877

Fonógrafo



T. A. Edison

1877



1901



1930s



1960s



1980s



2000s



2020s



1877 - FONÓGRAFO

Quando o som foi capturado pela primeira vez

O fonógrafo foi o primeiro aparelho da história capaz de gravar e reproduzir som. Antes dele, a música só existia no instante em que era executada. Para ouvir uma canção, um discurso ou qualquer melodia, era necessário estar presente no local. Não havia como guardar uma voz, repetir uma apresentação ou registrar um momento sonoro.

Tudo mudou em 1877, quando o inventor norte-americano Thomas Alva Edison apresentou ao mundo uma máquina que parecia quase mágica para a época. O fonógrafo conseguia registrar vibrações sonoras em uma superfície e depois reproduzi-las. Era o nascimento da gravação sonora.

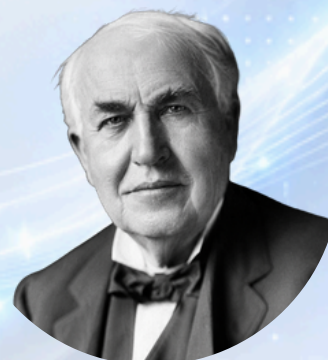
Mais do que um aparelho curioso, o fonógrafo inaugurou uma nova era para a humanidade. Pela primeira vez, o som deixava de ser apenas um acontecimento passageiro e se transformava em registro. A partir daquele momento, uma voz podia atravessar o tempo.



O fonógrafo foi inventado por Thomas Alva Edison, em 1877, nos Estados Unidos. Edison já era conhecido por suas pesquisas e invenções em comunicação e eletricidade, e desenvolveu o aparelho a partir de estudos sobre transmissão telegráfica e gravação mecânica de vibrações.

A primeira demonstração pública do fonógrafo causou grande impacto. A máquina ficou famosa ao reproduzir a frase "Mary had a little lamb", tornando-se um marco histórico na ciência e na tecnologia.

Embora outros inventores também tenham contribuído para o avanço da gravação sonora ao longo do tempo, Edison é reconhecido como o criador do primeiro aparelho funcional capaz de registrar e reproduzir som.



COMO O FONÓGRAFO FUNCIONAVA

O funcionamento do fonógrafo era totalmente mecânico. O aparelho possuía um bocal ou cone por onde a pessoa falava ou cantava. O som entrava no equipamento e fazia vibrar uma membrana fina. Essa membrana estava ligada a uma agulha, que riscava a superfície de um cilindro em movimento.

Esses riscos gravavam as vibrações sonoras de forma física. Depois, ao girar novamente o cilindro, a agulha percorria os sulcos gravados, reproduzindo as vibrações e transformando-as outra vez em som audível.

Era um processo simples em teoria, mas revolucionário na prática. O aparelho não dependia de eletricidade como os sistemas modernos. Tudo acontecia por meio de movimento mecânico, pressão sonora e vibração.

A mídia que ele executava O fonógrafo utilizava como mídia o cilindro fonográfico. Nos primeiros modelos, Edison usou cilindros revestidos com folha de estanho. Mais tarde, a tecnologia evoluiu para cilindros de cera, que ofereciam melhor qualidade e maior possibilidade de reprodução.

Esses cilindros funcionavam como o suporte físico da gravação. Neles ficavam registrados os sulcos com as vibrações da voz ou da música. Ao serem recolocados no aparelho, os sons gravados podiam ser reproduzidos. Portanto, no caso do fonógrafo, a mídia executada não era um disco, como muitos imaginam, mas sim um cilindro.

Esse detalhe é importante porque mostra que a história da música gravada começou de forma diferente daquilo que se popularizaria anos depois com os discos planos.



QUAL EMPRESA DISTRIBUIU E POPULARIZOU O FONÓGRAFO

O nome de Edison rapidamente se associou à comercialização da invenção. Uma das primeiras empresas ligadas à exploração comercial do aparelho foi a Edison Speaking Phonograph Company, criada para apresentar e promover o novo invento.

Posteriormente, modelos mais aperfeiçoados do fonógrafo e dos cilindros foram amplamente produzidos e distribuídos por empresas ligadas ao próprio inventor, especialmente a National Phonograph Company, fundada por Edison em 1896.

Essa empresa teve papel importante na fabricação, venda e popularização dos fonógrafos e cilindros de gravação.

Assim, embora o fonógrafo tenha nascido como invenção científica, ele rapidamente passou a integrar uma estrutura comercial que ajudou a formar os alicerces da futura indústria fonográfica.

A importância do fonógrafo para a história da música

O fonógrafo foi um dos aparelhos mais importantes de toda a história da música e da comunicação. Ele não apenas criou a possibilidade de ouvir algo novamente, mas abriu caminho para uma transformação cultural profunda. Graças ao fonógrafo, a música passou a poder ser armazenada, repetida, estudada e compartilhada. Vozes puderam ser preservadas. Discursos históricos puderam ser arquivados. Canções deixaram de depender exclusivamente da presença do músico.

Sua qualidade sonora era limitada, especialmente se comparada aos padrões atuais, mas seu valor histórico é imenso. O fonógrafo representou o início da memória sonora da humanidade.

Foi a primeira grande ponte entre o som ao vivo e a gravação. Sem ele, não existiriam o gramofone, o vinil, a fita K7, o CD, o MP3 e o streaming da forma como conhecemos hoje. Toda a evolução dos players de música começa, em essência, com essa invenção.



CURIOSIDADE HISTÓRICA

Uma curiosidade interessante é que, no início, muitas pessoas viam o fonógrafo quase como uma máquina de encantamento. Ouvir uma voz sair de um aparelho sem que houvesse alguém falando naquele momento causava espanto e fascínio.

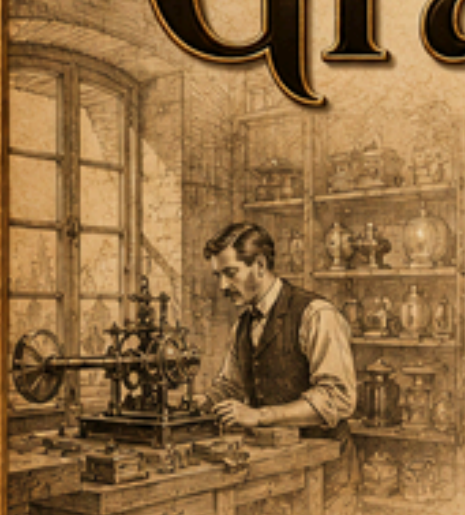
Naquela época, não era comum pensar que um som pudesse ser “guardado”. Por isso, o fonógrafo foi recebido como uma das maiores maravilhas tecnológicas do século XIX.



O fonógrafo foi o primeiro passo da longa jornada que transformou a maneira como a humanidade ouve música. Ele marcou o começo de tudo: o momento em que o som deixou de ser apenas presença e passou a ser permanência.

A partir de 1877, a música começou a viajar no tempo.

1900 Gramofone



*A Música
Ganha Voz*
— 1900 —



Fig. 1.



Emile Berliner
Patented Feb. 19, 1901.



1900



1920s



1930s



1940s



1960s



1980s



2000s

2020s



1900 – O GRAMOFONE

A MÚSICA ENTRA NAS CASAS

O gramofone marcou uma das viradas mais importantes na história da música gravada. Se o fonógrafo havia provado que era possível registrar e reproduzir o som, o gramofone foi o aparelho que ajudou a levar essa experiência para dentro dos lares, transformando a audição musical em um hábito social, doméstico e cultural.

Com sua grande corneta acústica e sua base geralmente feita em madeira, o gramofone se tornou um dos objetos mais emblemáticos da história da música. Seu visual elegante chamava atenção não apenas pela função, mas também pela presença decorativa. Ele era mais do que uma máquina de tocar música: era um símbolo de modernidade, status e encantamento. Foi por meio do gramofone que muitas famílias passaram a ouvir gravações dentro de casa, reunindo-se em torno do aparelho para apreciar canções, vozes, óperas e orquestras. A música começava, então, a deixar de ser apenas espetáculo presencial para se tornar parte da rotina familiar.



QUEM INVENTOU O GRAMOFONE

O gramofone foi desenvolvido pelo inventor Emile Berliner, um engenheiro e inventor alemão naturalizado norte-americano. Em 1887, Berliner patenteou um sistema de gravação e reprodução sonora que se diferenciava do fonógrafo de Edison por usar discos planos, em vez de cilindros.

Essa mudança foi decisiva para a história da música gravada. O sistema de Berliner era mais prático para reprodução em escala comercial, o que ajudou a impulsionar a indústria fonográfica. Embora o gramofone tenha sido inventado no final do século XIX, foi por volta de 1900 que ele começou a se popularizar mais amplamente, especialmente como aparelho doméstico.

Por isso, quando falamos de 1900 como marco do gramofone, estamos nos referindo ao momento em que ele realmente passou a entrar nas casas e a ganhar importância cultural no cotidiano das pessoas.



Como o gramofone funcionava
O funcionamento do gramofone era mecânico. O aparelho utilizava uma manivela lateral, que era girada manualmente para dar corda ao mecanismo interno. Esse sistema fazia o prato girar, movimentando o disco.

Uma agulha era posicionada sobre os sulcos do disco. À medida que o disco girava, a agulha percorria esses sulcos e captava as vibrações gravadas. Essas vibrações eram então transmitidas para uma membrana e amplificadas pela grande corneta acústica, que projetava o som no ambiente.

Tudo era feito sem amplificação elétrica nos modelos mais antigos. O som saía pela força puramente mecânica do sistema. Isso limitava a fidelidade sonora quando comparada aos padrões atuais, mas para a época era uma inovação impressionante. O gramofone transformava um objeto físico gravado em música audível, oferecendo ao ouvinte a sensação fascinante de ter artistas e orquestras tocando dentro da própria casa.

A MÍDIA QUE ELE EXECUTAVA

Diferente do fonógrafo, que utilizava cilindros, o gramofone executava discos planos, que se tornariam a base de toda a evolução posterior da indústria fonográfica.

Nos primeiros tempos, esses discos eram feitos principalmente de goma-laca, um material rígido e quebradiço, e giravam em velocidades como 78 rotações por minuto, os famosos discos de 78 rpm. Eles normalmente continham uma música ou gravação em cada lado.

A adoção do disco plano foi uma revolução, porque ele facilitava a produção em série, o armazenamento e a distribuição comercial. Esse formato abriu caminho para o desenvolvimento futuro dos discos de vinil, dos LPs e de toda a cultura do álbum musical.

Portanto, o gramofone não apenas tocava discos: ele consolidou o disco como principal suporte da música gravada por muitas décadas.

Qual empresa distribuiu e popularizou o gramofone
A criação do gramofone está ligada ao trabalho de Emile Berliner, mas sua difusão comercial envolveu diferentes empresas ao longo do tempo.

Entre as mais importantes, destacam-se a Berliner Gramophone Company, nos Estados Unidos e Canadá, e a The Gramophone Company, fundada no Reino Unido, que teve papel essencial na popularização do aparelho e dos discos na Europa. Mais tarde, marcas históricas como a Victor Talking Machine Company também ajudaram a espalhar o gramofone pelo mercado.

Essas empresas foram fundamentais não apenas para fabricar aparelhos, mas também para distribuir gravações musicais, criando um mercado fonográfico mais organizado e acessível.

A união entre aparelho e mídia comercial ajudou a transformar o gramofone em um grande fenômeno cultural e comercial do início do século XX.



A IMPORTÂNCIA DO GRAMOFONE PARA A HISTÓRIA DA MÚSICA

O gramofone foi o aparelho que consolidou a música gravada como experiência doméstica e social. Ele ajudou a criar um novo costume: o de se reunir para ouvir música em casa.

Essa mudança foi profunda. A música deixou de depender exclusivamente de apresentações ao vivo e passou a circular por meio de discos reproduzidos em aparelhos que podiam ser comprados e usados por famílias, estabelecimentos e salões.

O gramofone também ajudou a aproximar o público dos artistas. Vozes que antes só eram ouvidas em teatros ou concertos passaram a ser conhecidas por pessoas comuns em suas próprias salas de estar. Isso ampliou o alcance dos músicos e fortaleceu o nascimento da indústria do entretenimento gravado.

Outro ponto fundamental é que o gramofone ajudou a firmar a cultura do disco. A partir dele, a música passou a ter um suporte mais fácil de distribuir, arquivar e colecionar. Assim, o gramofone não foi apenas um aparelho elegante do passado: ele foi uma base real para todo o mercado fonográfico moderno.



CURIOSIDADE HISTÓRICA

Uma das imagens mais conhecidas da história da música está ligada ao universo do gramofone: o famoso cachorro ouvindo a corneta, associado à marca His Master's Voice. Essa imagem se tornou um dos símbolos mais conhecidos da indústria fonográfica e ajudou a eternizar o gramofone no imaginário popular.

Além disso, durante muito tempo, possuir um gramofone era sinal de prestígio. O aparelho era visto como um objeto sofisticado e moderno, algo que chamava atenção e despertava curiosidade entre visitantes e familiares.

O gramofone foi o aparelho que ajudou a transformar a música gravada em presença cotidiana. Com ele, a música entrou de vez nas casas, nas reuniões familiares e nos momentos de convivência.



1948

O Vinil

A revolução do LP chega às casas.
1948



Música que une gerações.
1950s



1948
LP / Vinil



1960s
Fita Rolo e Hi-Fi



1970s
Cassete



1980s
CD



2000s
MP3 / Digital



2020s
Streaming



O som em alta fidelidade que transformou a experiência de ouvir.

Fig. 1. Agulha de safira e sulco do vinil

Fig. 2. Disco Long Play (LP) 33 1/3 RPM

Fig. 3. Sulco em microgroove - maior fidelidade e menor ruído.

PATENTE REGISTRADA

Columbia Records

25 de Junho de 1946
Patente Nº 2.402.175



NOVOS FORMATOS, A MESMA EMOÇÃO.
DA AGULHA AO STREAMING, A MÚSICA CONTINUA.

1948 – O VINIL

O disco que virou símbolo de uma geração

O vinil não foi apenas uma mídia de reprodução musical. Ele se tornou um ícone cultural, um objeto de desejo e um dos formatos mais marcantes da história da música.

Com seus discos grandes, suas capas artísticas e sua forma ritualística de uso, o vinil transformou a experiência de ouvir música em algo muito mais profundo do que simplesmente apertar um botão e escutar uma faixa.

Ouvir um disco de vinil sempre foi uma experiência completa. O ouvinte escolhia o álbum, observava a capa, lia os créditos, admirava as fotografias, retirava o disco cuidadosamente da embalagem e o colocava sobre o prato da vitrola.

Em seguida, acompanhava a agulha tocar a superfície do disco e, então, a música começava. Esse processo criava uma relação mais íntima entre o público e a obra.

Com o vinil, o álbum ganhou força como conceito artístico. Os músicos passaram a organizar suas faixas em sequência, pensando em abertura, desenvolvimento e encerramento.

Os lados A e B não eram apenas divisões físicas, mas partes de uma narrativa musical. O disco deixou de ser somente um suporte e passou a ser também uma forma de expressão.



QUEM CRIOU O DISCO DE VINIL

O grande marco da história do vinil aconteceu em 1948, quando a Columbia Records, nos Estados Unidos, apresentou o LP, sigla para Long Play. Esse novo formato foi desenvolvido para oferecer maior tempo de reprodução e melhor qualidade sonora do que os antigos discos de goma-laca de 78 rotações. O principal nome associado a esse avanço é o engenheiro Peter Carl Goldmark, que trabalhou no desenvolvimento do LP dentro da Columbia. Sua equipe foi responsável por criar um disco mais eficiente, feito de um material mais moderno e resistente, capaz de armazenar mais músicas em cada lado.

Assim, embora o disco plano já existisse havia décadas, foi em 1948 que o vinil moderno se consolidou como um novo padrão de mídia musical, revolucionando a indústria fonográfica.



Como o vinil funcionava
O vinil funcionava por meio de sulcos microscópicos gravados em sua superfície. Esses sulcos continham as informações sonoras registradas de forma analógica. Quando o disco girava no toca-discos ou na vitrola, a agulha percorria esses sulcos e captava suas variações. Essas vibrações eram transformadas em sinais que, em seguida, eram amplificados e convertidos em som audível. Dessa forma, a música era reproduzida com riqueza de detalhes e com um caráter sonoro muito particular, que muitos ouvintes descrevem como mais quente, orgânico e natural. O funcionamento do vinil exigia um aparelho específico, normalmente chamado de vitrola, toca-discos ou turntable. O disco precisava ser colocado sobre o prato giratório, e a agulha, posicionada com cuidado. Era uma experiência que misturava técnica, atenção e ritual.

O funcionamento do vinil exigia um aparelho específico, normalmente chamado de vitrola, toca-discos ou turntable. O disco precisava ser colocado sobre o prato giratório, e a agulha, posicionada com cuidado. Era uma experiência que misturava técnica, atenção e ritual.

A mídia que ele executava

A mídia executada era o próprio disco de vinil, geralmente em formatos como LPs de 12 polegadas, compactos de 7 polegadas e, em alguns casos, discos de 10 polegadas. O LP, lançado em 33 1/3 rotações por minuto, foi criado para álbuns mais longos, com várias faixas distribuídas entre os dois lados. Já os compactos, muitas vezes em 45 rotações por minuto, eram usados para singles, com uma música principal e outra no lado oposto.

O vinil substituiu com grande vantagem os antigos discos de goma-laca, que eram mais pesados, mais frágeis e com menor capacidade de reprodução. O novo material era mais flexível, mais durável e permitia melhor fidelidade sonora.

Por isso, quando falamos do vinil, estamos falando ao mesmo tempo de um formato físico e de uma nova era da música gravada.

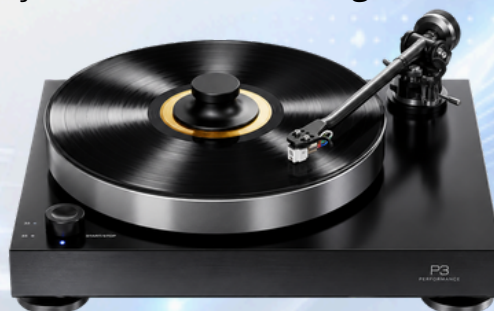


A importância do vinil para a história da música

O vinil teve uma importância gigantesca para a história da música. Mais do que um suporte técnico, ele mudou a relação do público com os álbuns, com os artistas e com o próprio ato de ouvir.

Foi com o vinil que a música ganhou uma dimensão mais artística e editorial. As capas se tornaram parte da obra. O design gráfico passou a dialogar com o som. Os encartes, os créditos e as fotografias ajudavam a construir a identidade de cada lançamento.

Além disso, o vinil consolidou o conceito de álbum como experiência completa. Em vez de pensar apenas em uma música isolada, muitos artistas passaram a criar discos com unidade temática, estética e emocional. Isso fortaleceu movimentos musicais inteiros e ajudou a eternizar obras clássicas. Mesmo após a chegada da fita K7, do CD, do MP3 e do streaming, o vinil nunca desapareceu totalmente. Pelo contrário: continuou sendo cultuado por colecionadores, DJs, músicos e apaixonados por música. Em tempos recentes, voltou a crescer em popularidade, provando que sua força vai além da nostalgia.



CURIOSIDADE HISTÓRICA

Uma das maiores curiosidades sobre o vinil é que, mesmo sendo uma tecnologia analógica antiga, ele continuou despertando fascínio em novas gerações. Muitos jovens que cresceram na era digital passaram a buscar discos justamente pela experiência física, pelo som característico e pela beleza dos álbuns.

Outra curiosidade é que o vinil se tornou muito importante não apenas para o consumo doméstico, mas também para a cultura dos DJs, da música eletrônica, do hip-hop e da discotecagem profissional. Seu impacto foi muito além da sala de casa.



O vinil foi mais do que uma mídia musical. Ele se transformou em símbolo de época, objeto de coleção e emblema de uma forma mais sensível e profunda de escutar música.

Com ele, ouvir um álbum deixou de ser apenas um hábito e passou a ser um ritual. O toque, a capa, o giro do disco, a descida da agulha e o som preenchendo o ambiente criaram uma experiência que marcou gerações inteiras.

Mesmo com toda a velocidade das tecnologias atuais, o vinil continua vivo porque representa algo que nunca saiu de moda: a emoção de se conectar verdadeiramente com a música.

Anos 60

A Fita K7

A revolução
que colocou a música
nas mãos das pessoas.



Gravação em casa
Grave suas músicas,
programas e memórias.



Música para levar
Leve suas fitas
para onde for.



Estrutura da Fita K7



A fita magnética

Partículas magnéticas
registram o som.



Cabeçotes de gravação/leitura



PATENTE REGISTRADA

Compact Cassette

PHILIPS

30 de Agosto de 1963

Nº 3.093.566



1960s
Fita K7



1980s
Walkman
Portátil



1990s
CD



2000s
MP3 /
Digital



2020s
Streaming



A FITA K7 TRANSFORMOU A MANEIRA DE GRAVAR,
OUVIR E COMPARTILHAR MÚSICA.
PORTÁTIL, ACESSÍVEL E CHEIA DE NOSTALGIA,
ELA PREPAROU O CAMINHO PARA O FUTURO DO SOM.

ANOS 60 – A FITA K7

A MÚSICA FICOU GRAVÁVEL, PORTÁTIL E PESSOAL

A fita K7, também conhecida como fita cassete, foi uma das invenções mais marcantes da história da música gravada. Se o vinil transformou o álbum em obra e ritual, a fita K7 trouxe algo ainda mais íntimo: o poder de cada pessoa montar sua própria trilha sonora. Com ela, a música deixou de ser apenas algo comprado pronto e passou a poder ser gravada, copiada, organizada e compartilhada de forma pessoal. Foi essa liberdade que fez da fita cassete uma revolução. Com ela, as pessoas gravavam músicas do rádio, registravam mensagens de voz, produziam coletâneas para presentear alguém e criavam seleções especiais para viagens, festas e momentos da vida. A música se tornava mais próxima, mais acessível e, principalmente, mais personalizada.

As famosas “fitas gravadas” marcaram gerações. Muitas delas eram feitas com dedicação, escolhendo faixa por faixa, esperando a música tocar no rádio ou copiando álbuns inteiros de amigos. Era um formato que misturava tecnologia e afeto. Não era apenas uma mídia: era uma maneira de guardar lembranças e emoções.

QUEM CRIOU A FITA K7



A fita cassete foi lançada oficialmente em 1963 pela empresa Philips, na Europa, durante a feira de eletrônicos de Berlim. O grande nome ligado ao desenvolvimento desse formato é o engenheiro holandês Lou Ottens, que liderou o projeto dentro da empresa. A proposta da Philips era criar uma mídia prática, compacta e fácil de usar, superando as limitações de formatos maiores de fita magnética. O objetivo era oferecer um sistema acessível tanto para gravação quanto para reprodução de áudio. Embora seu surgimento tenha ocorrido em 1963, foi ao longo dos anos 60 e, principalmente, dos anos 70 e 80, que a fita K7 se popularizou no mundo todo e passou a fazer parte da vida cotidiana de milhões de pessoas.

COMO A FITA K7 FUNCIONAVA

A MÍDIA QUE ELA EXECUTAVA

A fita K7 funcionava por meio de uma fita magnética enrolada em dois carretéis dentro de uma pequena estrutura plástica retangular. Essa fita armazenava o som magneticamente. Ao ser colocada em um aparelho compatível, como um toca-fitas, tape deck ou gravador cassete, a fita passava por um cabeçote que lia ou gravava as informações sonoras. Quando o aparelho estava no modo de gravação, o som era convertido em sinais magnéticos e registrado na fita. Quando estava no modo de reprodução, o processo era invertido: o cabeçote lia os sinais magnéticos e os transformava novamente em áudio audível. Esse sistema permitia não apenas ouvir músicas prontas, mas também gravar conteúdo novo, o que fez toda a diferença. Era possível pausar, avançar, rebobinar e organizar a audição de forma prática. E, com um pouco de paciência, até editar de maneira caseira aquilo que seria registrado.



A própria fita cassete era a mídia executada. Dentro da pequena caixa de plástico havia a fita magnética responsável por armazenar o som. Ela podia conter álbuns comerciais gravados por gravadoras, gravações caseiras, ensaios, entrevistas, mensagens ou compilações personalizadas. Esse foi um dos seus maiores diferenciais: ao contrário de formatos mais rígidos e menos flexíveis, a fita cassete permitia ao usuário participar ativamente do processo de montagem do conteúdo. Além disso, a fita K7 tinha dois lados, geralmente chamados de lado A e lado B, o que ampliava o tempo de reprodução e fazia parte da rotina de uso. Virar a fita no meio da audição era um gesto quase automático para quem viveu aquela época.

QUAL EMPRESA DISTRIBUIU E POPULARIZOU A FITA K7

A empresa responsável pela criação e lançamento da fita cassete foi a Philips. Mais do que inventar o formato, a empresa teve um papel fundamental na sua difusão ao disponibilizar a tecnologia de forma ampla, o que ajudou outras fabricantes a adotarem o sistema. Com o passar do tempo, várias marcas passaram a produzir fitas, aparelhos toca-fitas e gravadores, o que ampliou ainda mais a presença da K7 no mercado. Empresas como Sony, Panasonic, Aiwa, Sharp, entre outras, ajudaram a transformar a fita cassete em um fenômeno mundial. A popularização cresceu ainda mais com a chegada de aparelhos portáteis e automotivos, tornando a fita K7 presença constante em casas, carros, lojas e bolsos.



A fita K7 foi importante porque democratizou o acesso e a manipulação da música. Ela colocou na mão do público um poder que antes era muito mais limitado: o de gravar, copiar, reorganizar e compartilhar áudio de maneira simples.

Foi ela que ajudou a criar uma cultura mais pessoal de consumo musical. Cada pessoa podia escolher a ordem das músicas, montar coletâneas exclusivas e produzir uma experiência única de audição. Em vez de apenas consumir um álbum fechado, o ouvinte passou a construir a própria narrativa musical.

A fita cassete também teve grande importância para artistas independentes e músicos iniciantes. Muitos divulgaram suas primeiras canções em demos gravadas em K7, distribuídas entre amigos, produtores, rádios e pequenos públicos. Era um suporte barato, portátil e acessível, ideal para quem queria fazer a música circular sem depender de grandes estruturas. Além disso, a fita K7 abriu caminho para hábitos que permanecem até hoje, como a ideia da playlist personalizada. Antes das listas digitais, já existia a lógica da seleção pessoal nas fitas gravadas.

CURIOSIDADE HISTÓRICA

Uma das grandes curiosidades da fita K7 é que ela se tornou ainda mais poderosa culturalmente quando passou a ser usada em aparelhos portáteis, como o famoso Walkman, lançado depois pela Sony. Isso ampliou a sensação de liberdade e privacidade na escuta musical.

Outra curiosidade é que, durante muitos anos, uma caneta era usada como ferramenta improvisada para rebobinar ou ajustar a fita manualmente. Esse gesto se tornou um dos símbolos mais lembrados da era cassete.



A fita K7 marcou uma fase em que a música ficou mais próxima das pessoas. Ela não exigia grandes equipamentos, não dependia de estruturas sofisticadas e permitia algo que encantou toda uma geração: gravar, ouvir e compartilhar sons do próprio jeito.

Mais do que uma mídia, ela foi uma ferramenta de expressão pessoal. Nela cabiam canções, memórias, recados, ensaios, declarações e experiências afetivas. A fita K7 transformou a escuta musical em algo mais íntimo, portátil e democrático.

Mesmo com suas limitações de qualidade e com o desgaste natural do tempo, ela permaneceu no coração de quem viveu essa época. Porque, em muitos casos, não era apenas a música que estava gravada ali. Era um pedaço da vida.

1979

O Walkman

*A música
sai de casa.*



*Liberdade para ouvir
em qualquer lugar.*



*Nasce a trilha
sonora pessoal.*



1979
Walkman
portátil



1990s
CD
portátil



2000s
MP3 /
Digital



2020s
Streaming



A REVOLUÇÃO PORTÁTIL



*Cassete compacto
e leve*



*Design portátil
e resistente*



*Fones leves
para escuta
pessoal*

SOM ESTÉREO



*Separação de canais
para uma experiência
imersiva.*

PATENTE REGISTRADA
PORTABLE STEREO
CASSETTE PLAYER

Depósito: 1978
Registro: US D212.355

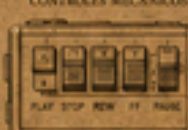
ENGENHARIA DA PORTABILIDADE

MECANISMO DO CASSETTE



*Reprodução suave e confiável
em movimento.*

CONTROLES MECÂNICOS



*Operação simples,
intuitiva e tátil.*

FONES ESTÉREO LEVES



*Conforto e qualidade
para longa sessão de escuta.*



O WALKMAN TRANSFORMOU A ESCUTA
EM UMA EXPERIÊNCIA ÍNTIMA E PORTÁTIL.
COM ELE, A MÚSICA GANHOU MOVIMENTO,
LIBERDADE E UM NOVO JEITO DE
ACOMPANHAR A VIDA.

1979 - O

WALKMAN

A MÚSICA SAIU DE CASA E FOI PARA A RUA

O Walkman foi um dos aparelhos mais revolucionários da história da música portátil. Se antes ouvir música era uma experiência ligada à sala de casa, ao rádio da família, ao carro ou a aparelhos maiores, com a chegada do Walkman tudo mudou. A música ganhou movimento, liberdade e intimidade. Pela primeira vez, milhões de pessoas puderam caminhar, viajar, estudar, correr e se deslocar ouvindo suas canções favoritas com fones de ouvido.

Mais do que um aparelho, o Walkman mudou o comportamento humano. Ele criou uma nova forma de viver a música: individual, portátil e constante. A rua passou a ter trilha sonora. O ônibus virou palco. A caminhada virou videoclipe mental. Cada pessoa, com uma fita K7 e um par de fones, podia levar consigo um universo próprio de sons, emoções e lembranças.

O Walkman abriu uma nova etapa da relação entre tecnologia e música. Ele não apenas reproduzia canções: ele acompanhava o ritmo da vida. Era pequeno, leve, prático e feito para ir junto com o usuário. Foi o início de uma era em que a música deixou de depender do lugar e passou a fazer parte do corpo e da rotina.

QUEM CRIOU O WALKMAN

O Walkman foi lançado pela empresa Sony, no Japão, em 1979. O modelo inaugural ficou conhecido como Sony Walkman TPS-L2, e seu lançamento se tornou um marco histórico na indústria eletrônica e musical.

Embora o projeto envolvesse equipes da Sony, os nomes mais associados ao nascimento do Walkman incluem Masaru Ibuka, cofundador da empresa, e Norio Ohga, executivo importante da Sony, além dos engenheiros que adaptaram a ideia de um gravador portátil para criar um aparelho voltado exclusivamente para audição pessoal.

A proposta da Sony era simples e ao mesmo tempo revolucionária: criar um dispositivo leve e portátil que permitisse ouvir fitas cassete em qualquer lugar, com fones de ouvido, sem depender de caixas de som externas. Essa ideia mudaria o mundo.



COMO O WALKMAN FUNCIONAVA

O Walkman funcionava como um tocador portátil de fitas cassete. O usuário colocava uma fita K7 dentro do aparelho, conectava os fones de ouvido e acionava os controles de reprodução, como play, stop, avanço e retrocesso.

Internamente, o aparelho utilizava um mecanismo semelhante ao de outros toca-fitas, movimentando a fita magnética por meio de cabeçotes de leitura que captavam o áudio gravado. A grande diferença estava no seu formato portátil, em seu tamanho reduzido e na possibilidade de uso pessoal com fones, sem a necessidade de um sistema de som maior.

Muitos modelos funcionavam com pilhas, o que aumentava ainda mais a mobilidade. Isso permitia usar o aparelho em caminhadas, viagens, no transporte público ou em momentos de lazer. O Walkman fez da música uma companhia constante, sempre à mão.

A MÍDIA QUE ELE EXECUTAVA

A mídia executada pelo Walkman era a fita cassete, também chamada de fita K7. Essa pequena mídia de fita magnética já era bastante conhecida antes do lançamento do aparelho, mas foi com o Walkman que ela ganhou ainda mais força como símbolo de mobilidade e personalização musical.

A fita K7 permitia ouvir álbuns completos, compilações gravadas em casa, programas de rádio, demos e seleções feitas especialmente para cada ocasião. Isso deu ao Walkman um caráter muito pessoal, porque o usuário não levava apenas um aparelho: levava sua própria seleção musical.

Essa combinação entre aparelho portátil e mídia gravável tornou o Walkman um fenômeno. Ele ampliou a importância da fita cassete e consolidou o hábito de escutar música em movimento.



QUAL EMPRESA DISTRIBUIU E POPULARIZOU O WALKMAN

A empresa responsável pela criação, fabricação e popularização do Walkman foi a Sony. O nome "Walkman" se tornou tão forte que acabou ultrapassando o próprio produto original, passando a representar toda uma categoria de tocadores portáteis de música.

A Sony teve um papel essencial ao transformar a ideia em fenômeno mundial. Seu design moderno, sua comunicação inovadora e a praticidade do aparelho ajudaram o Walkman a conquistar públicos de diferentes idades em vários países. Com o enorme sucesso comercial, outras empresas também lançaram aparelhos semelhantes, mas foi a Sony quem marcou a história com o modelo original e estabeleceu o Walkman como símbolo da música portátil.

O Walkman foi importante porque mudou a forma como as pessoas se relacionavam com a música no dia a dia. Ele tirou a música do ambiente fixo e a colocou em movimento.

A IMPORTÂNCIA
DO WALKMAN
PARA A HISTÓRIA
DA MÚSICA



O que antes era uma experiência coletiva e doméstica passou a ser também individual, íntima e itinerante.

Essa mudança teve impacto cultural profundo. Pela primeira vez, era possível construir um espaço sonoro pessoal em meio ao mundo externo. Mesmo em lugares cheios e barulhentos, a pessoa podia se desconectar da realidade ao redor e se conectar com suas canções favoritas.

O Walkman também antecipou uma característica muito presente hoje: a música como companhia permanente. Ele foi o ancestral direto de todos os tocadores portáteis modernos, dos Discmans aos players de MP3 e aos smartphones com streaming.

Sua importância vai além da tecnologia. O Walkman redefiniu hábitos, criou novos comportamentos urbanos e fortaleceu a ideia de que cada pessoa pode levar consigo sua própria trilha sonora.

CURIOSIDADE HISTÓRICA

Uma curiosidade interessante é que, no início, havia quem duvidasse do sucesso de um aparelho que apenas reproduzia música, sem gravar. Naquele tempo, muitos consumidores estavam acostumados a aparelhos com função dupla. Ainda assim, o conceito do Walkman se mostrou tão forte que rapidamente conquistou o mercado.

Outra curiosidade é que o primeiro modelo, o TPS-L2, tinha até duas entradas para fones, permitindo que duas pessoas ouvissem música juntas. Isso mostra que, embora fosse um aparelho de audição pessoal, ele também podia criar momentos compartilhados.



O Walkman foi o aparelho que libertou a música das paredes da casa. Com ele, ouvir canções deixou de depender do ambiente e passou a acompanhar o ritmo da vida cotidiana.

Ele fez da música uma presença íntima, constante e portátil. Transformou trajetos comuns em momentos emocionais, viagens em experiências sonoras e o silêncio das ruas em trilhas pessoais.

Mais do que um tocador de fitas, o Walkman foi uma mudança de mentalidade. Ele ensinou o mundo a carregar a música consigo.

Anos 80

O CD



O som digital chega com clareza total.

1980s
O CD



Adeus aos chiados, olá à nitidez.

1990s
CD Portátil



Música para ouvir e colecionar.

2000s
MP3 / Digital



A era do brilho digital.

2020s
Streaming



COMO O CD FUNCIONA

LEITURA A LASER



Um feixe de laser lê as microscópicas gravagens na superfície do disco.

ÁUDIO DIGITAL



01001100 0111001
10011001 0100011

O som é convertido em dados digitais para máxima precisão.

ESTRUTURA DO DISCO



Camadas que garantem durabilidade e leitura confiável.

ÍNDICE DAS FAIXAS

01	03:45
02	04:12
03	03:58
04	05:07
05	04:21
06	03:53
07	04:05
08	04:47
09	05:19
10	03:11
11	03:59
12	04:26

Cada faixa é organizada para acesso rápido e preciso.

PATENTE E INOVAÇÃO

Compact Disc Digital Audio Desenvolvido pela Philips e Sony. Lançamento comercial: 1982

Feito para dados.
Grado para emoções.
Feito para a música.



O CD REVOLUCIONOU A FORMA DE OUVIR MÚSICA. COM SOM LIMPO, FIEL E SEM INTERFERÊNCIAS, POPULARIZOU O ÁUDIO DIGITAL, OFERECU PORTABILIDADE E VALOR COLECIONÁVEL, ABRINDO CAMINHO PARA O FUTURO DIGITAL QUE SEGUIMOS VIVENDO.

ANOS 80 – O CD

O SOM DIGITAL CHEGA AO PÚBLICO

O CD marcou uma das mudanças mais importantes da história da música gravada. Pequeno, brilhante e moderno, ele representou a entrada definitiva da música na era digital. Depois de décadas dominadas pelo vinil e pela fita cassete, o CD surgiu com a promessa de oferecer melhor qualidade sonora, mais praticidade e maior durabilidade, conquistando rapidamente o público e a indústria musical.

Sua chegada provocou uma transformação visível nas lojas de música, nas coleções pessoais e no modo como os álbuns eram consumidos. As capas ficaram menores, os aparelhos ganharam aparência futurista e o som digital passou a ser visto como símbolo de avanço tecnológico. Para muitos ouvintes, o CD representava clareza sonora, limpeza, comodidade e modernidade.

Com ele, não era mais preciso virar o lado do disco nem rebobinar a fita. Bastava inserir o disco no aparelho, escolher a faixa desejada e apertar play. Esse simples gesto ajudou a tornar a experiência de ouvir música mais prática e direta, sem abrir mão da ideia de álbum como unidade artística.



QUEM CRIOU O CD

O CD, ou Compact Disc, foi desenvolvido em parceria por duas gigantes da tecnologia: a Philips, da Holanda, e a Sony, do Japão. O formato começou a ser desenvolvido no final dos anos 70 e chegou ao mercado no início dos anos 80, tornando-se rapidamente uma das maiores revoluções da indústria fonográfica.

O lançamento comercial do CD de áudio ocorreu em 1982, no Japão, e pouco depois se expandiu para a Europa e outras regiões do mundo. A criação do formato foi fruto do esforço conjunto das duas empresas para estabelecer um novo padrão digital de armazenamento de som com alta qualidade e fácil reprodução. Assim, embora o CD seja associado à década de 1980, sua origem está diretamente ligada à cooperação técnica entre Philips e Sony, que criaram um dos formatos mais bem-sucedidos da história da música.

COMO O CD FUNCIONAVA



O CD funcionava por meio de leitura óptica digital. Em vez de sulcos analógicos como no vinil ou fita magnética como na K7, o CD armazenava a música em forma de dados digitais gravados em sua superfície.

Quando o disco era colocado em um aparelho compatível, um feixe de laser lia as pequenas marcas microscópicas presentes na mídia. Essas informações eram interpretadas digitalmente e convertidas em som pelo sistema do aparelho.

Esse funcionamento trouxe várias vantagens. A leitura era precisa, a troca de faixas era rápida e a reprodução sofria menos desgaste físico do que em mídias anteriores. Além disso, o CD permitia acessar uma música específica com mais facilidade, o que aumentava o conforto do usuário.

A mídia que ele executava

A MÍDIA QUE ELE EXECUTAVA

A mídia executada era o próprio Compact Disc, um disco óptico circular de aproximadamente 12 centímetros de diâmetro, com superfície refletiva prateada e brilho característico que frequentemente mostrava reflexos coloridos sob a luz. O CD de áudio permitia armazenar um álbum completo com qualidade digital, normalmente com duração aproximada de até 74 ou 80 minutos, dependendo da versão. Isso o tornava ideal para álbuns longos, coletâneas e relançamentos.

Sua estrutura física era mais compacta do que a do vinil e mais rígida do que a fita K7, o que ajudou a consolidá-lo como uma mídia prática para armazenar, transportar e reproduzir música com facilidade.



QUAL EMPRESA DISTRIBUIU E POPULARIZOU O CD

As duas empresas centrais na criação e na popularização do CD foram a Philips e a Sony. Ambas participaram do desenvolvimento do formato e dos primeiros aparelhos reprodutores. A Sony lançou um dos primeiros players comerciais de CD, enquanto a Philips também teve papel essencial no avanço e na padronização da tecnologia. Com o sucesso inicial, outras fabricantes aderiram rapidamente ao formato, ampliando sua presença global.

Ao longo dos anos 80 e 90, gravadoras, lojas e fabricantes de aparelhos adotaram o CD como principal formato físico da música. Isso fez com que ele se tornasse, durante muito tempo, o suporte dominante do mercado fonográfico mundial.

O CD foi importante porque consolidou a música digital como realidade de massa. Ele inaugurou uma nova percepção de qualidade sonora e mudou os hábitos do público.

A IMPORTÂNCIA DO CD PARA A HISTÓRIA DA MÚSICA



O discurso da época valorizava a pureza do som, a ausência de ruídos, a praticidade e a modernidade do formato.

Além disso, o CD ajudou a impulsionar grandes relançamentos de catálogos antigos, coletâneas especiais e novas estratégias de venda da indústria musical. Muitos consumidores substituíram suas coleções de vinil e fita por versões em CD, o que gerou um enorme movimento comercial no mercado. Durante anos, o CD foi o principal formato físico da música no mundo. Ele dominou prateleiras, estantes, aparelhos domésticos, carros e sistemas portáteis. Sua importância foi tão grande que ele ajudou a preparar o terreno para a música digital em formatos ainda mais avançados, como o MP3 e o streaming.

CURIOSIDADE HISTÓRICA

Uma curiosidade bastante conhecida é que a duração inicial do CD foi pensada para comportar uma obra longa sem interrupções. Existe a famosa história de que a capacidade de cerca de 74 minutos teria sido influenciada pelo desejo de comportar integralmente uma gravação da Nona Sinfonia de Beethoven.

Outra curiosidade é que o brilho iridescente do CD, com reflexos coloridos, se tornou um dos símbolos visuais da tecnologia musical dos anos 80 e 90, reforçando sua imagem futurista.



O CD foi o formato que apresentou ao grande público a experiência da música digital de maneira clara, prática e sedutora. Ele trouxe uma sensação de modernidade que marcou época e mudou profundamente a relação entre pessoas, aparelhos e álbuns.

Com ele, ouvir música ficou mais simples, mais direto e mais tecnológico. O CD entrou nas casas, nos carros, nas mochilas e nas coleções, tornando-se um dos maiores símbolos da era digital antes da internet dominar o consumo musical.

Durante muitos anos, ele foi o centro da música gravada. E mesmo com a chegada de novas tecnologias, continua sendo lembrado como o formato que fez o futuro parecer presente.

Anos 90

O Discman



A música vai com você.



Som portátil para a rotina.



Uma geração movida a trilhas sonoras.



Colecionar virou paixão.



1990s
Discman



2000s
MP3 /
Digital



2010s
Smartphone



2020s
Streaming



TECNOLOGIA QUE FEZ HISTÓRIA

LEITURA A LASER



Precisão óptica que lê os dados do CD com alta fidelidade.

PROTEÇÃO ANTI-SKIP



Sistema eletrônico que reduz impactos e mantém a música sem interrupções.

FONE ESTÉREO



Fones leves e confortáveis para longas horas de música.

PILHAS / BATERIA



Mobilidade total com pilhas AA ou bateria recarregável.

CD PORTÁTIL



Compacto, resistente e feito para acompanhar seu ritmo.



*Fato para durar.
Criado para emocionar.
Feito para a música.*

O DISCMAN LEVOU O CD PARA AS RUAS. COM ELE, A MÚSICA DIGITAL GANHOU MOBILIDADE, ESTILO E LIBERDADE, MARCANDO UMA GERAÇÃO QUE PASSOU A OUVIR SUAS FAIXAS FAVORITAS EM QUALQUER LUGAR.

ANOS 90 – O DISCMAN

O CD GANHA AS RUAS

Se o Walkman foi o aparelho que libertou a música das paredes da casa usando a fita K7, o Discman fez o mesmo com o CD. Ele levou a experiência digital para fora do ambiente doméstico e transformou o ato de ouvir música em algo ainda mais moderno, portátil e desejado. Nos anos 90 e no início dos anos 2000, ter um Discman era sinal de atualização, estilo e paixão pela tecnologia musical.

O Discman representou uma fase de transição muito interessante. Ele ainda dependia de uma mídia física, o CD, mas já oferecia ao público a sensação de estar vivendo o futuro. Seu visual redondo, metálico ou prateado, os fones de ouvido e o brilho do disco criavam uma imagem fortemente associada à modernidade da época.

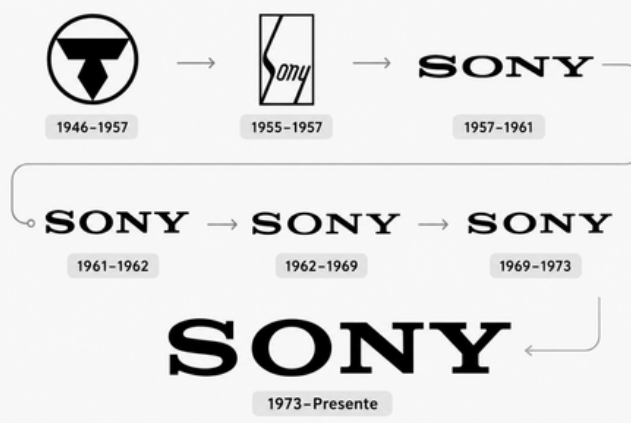
Para muitos jovens, andar com um Discman dentro da mochila, acompanhado de uma bolsinha cheia de CDs, era parte do cotidiano. Escolher qual álbum ouvir durante o dia se tornou um hábito. A música saía do quarto e passava a acompanhar viagens, estudos, caminhadas e deslocamentos, ampliando a ideia de audição pessoal inaugurada pelo Walkman.

QUEM CRIOU O DISCMAN

O nome Discman está diretamente ligado à empresa Sony, que lançou seus primeiros tocadores portáteis de CD na década de 1980. O modelo pioneiro foi o Sony D-50, lançado em 1984, também conhecido em alguns mercados como Sony CD Walkman. Com o tempo, o nome Discman se consolidou como uma das marcas mais conhecidas dessa categoria de aparelhos. Embora outras empresas também tenham fabricado tocadores portáteis de CD, foi a Sony quem popularizou o conceito e ajudou a transformá-lo em objeto de desejo global.

Nos anos 90, o Discman já era um símbolo forte da música portátil digital, sendo visto como sucessor natural do Walkman.

Evolução dos Logos da SONY



COMO O DISCMAN FUNCIONAVA

O Discman funcionava como um tocador portátil de CDs. O usuário colocava um disco no compartimento interno do aparelho, conectava os fones de ouvido e acionava os controles de reprodução, como play, pause, avanço e retrocesso. Internamente, um sistema de leitura a laser fazia a leitura óptica dos dados gravados no CD. Essas informações digitais eram convertidas em som e reproduzidas nos fones. Esse processo permitia acesso rápido às faixas e uma reprodução limpa, clara e moderna, de acordo com os padrões da época. Diferente do Walkman, que usava fita magnética, o Discman lidava com uma mídia digital. Isso dava ao aparelho um ar mais avançado, embora também trouxesse desafios. Por depender de um disco girando internamente, o aparelho era mais sensível a impactos. Em movimento, podia ocorrer o famoso “pulo” da música, especialmente nos modelos mais antigos, antes da popularização dos sistemas antichoque.



A MÍDIA QUE ELE EXECUTAVA

A mídia executada pelo Discman era o CD de áudio. Esse disco óptico, pequeno e brilhante, havia se tornado um símbolo da era digital e já dominava boa parte do mercado fonográfico. O usuário podia ouvir álbuns completos, coletâneas, trilhas sonoras e compilações gravadas em CD-R, dependendo do modelo do aparelho e da fase tecnológica. O CD trazia vantagens importantes, como qualidade sonora superior em relação a muitas fitas cassete, troca fácil de faixas e maior praticidade no acesso ao conteúdo. Ao mesmo tempo, o CD mantinha uma relação física com a música. Era preciso escolher o disco, carregá-lo, protegê-lo e inseri-lo no aparelho. Por isso, o Discman ocupa uma posição interessante na história: ele já apontava para a mobilidade digital, mas ainda mantinha o ritual do objeto físico.

QUAL EMPRESA DISTRIBUIU E POPULARIZOU O DISCMAN

A empresa mais diretamente ligada ao Discman foi a Sony. Foi ela quem criou a linha e transformou o aparelho em referência no mercado internacional.

Com o sucesso da categoria, outras marcas como Panasonic, Aiwa, Philips, Gradiente, Coby e várias outras também lançaram tocadores portáteis de CD. No entanto, o nome Discman permaneceu fortemente associado à Sony e ao imaginário coletivo da época.

A difusão do aparelho foi impulsionada pelo crescimento das vendas de CDs, pela valorização da música digital e pelo desejo do público de ter mobilidade sem abrir mão da qualidade sonora.

O Discman teve importância histórica porque foi a ponte entre duas eras. Ele manteve o conceito da música portátil criado pelo Walkman, mas o atualizou para a linguagem digital do CD.

Esse aparelho mostrou que a portabilidade não era exclusividade das fitas cassete.

A IMPORTÂNCIA DO DISCMAN PARA A HISTÓRIA DA MÚSICA

Também era possível carregar qualidade digital nas ruas, nos ônibus, nas escolas e nas viagens. O Discman reforçou a presença da música na rotina das pessoas e consolidou a ideia de que ouvir um álbum em movimento já fazia parte da vida moderna.

Ele também ajudou a fortalecer ainda mais o domínio do CD como formato físico nos anos 90. O disco não estava mais restrito ao aparelho de som da sala ou ao toca-CD de casa. Ele agora podia circular junto com o ouvinte.

Mesmo com limitações, como o tamanho relativamente grande e a sensibilidade a impactos, o Discman marcou uma geração. Foi um aparelho de transição, mas também de afirmação tecnológica.



CURIOSIDADE HISTÓRICA

Uma curiosidade interessante é que muitos usuários da época carregavam pequenas bolsas ou estojos específicos para guardar CDs, protegendo os discos contra riscos e organizando os álbuns do dia. Isso virou parte do estilo de vida de quem usava Discman.

Outra curiosidade é que, com o passar do tempo, os fabricantes passaram a investir em sistemas anti-shock ou anti-skip, justamente para reduzir o problema das interrupções na reprodução quando o aparelho era movimentado.



O Discman foi o aparelho que colocou o CD em movimento. Ele deu continuidade ao sonho da música portátil, agora com a estética digital que marcou os anos 90.

Seu uso exigia certo cuidado, ocupava espaço e dependia de discos físicos, mas justamente aí estava parte de seu charme. Ele fazia a ponte entre o mundo tátil dos álbuns e a promessa de uma música cada vez mais tecnológica.

Antes do MP3, antes dos arquivos compactados e antes do streaming, o Discman foi a trilha sonora móvel de uma geração que queria levar o futuro na mochila.

2001 MP3 e iPod



A música cabe no bolso.



Playlists mudam o jeito de ouvir.



Milhares de faixas em um só aparelho.



A era da música digital portátil.



2001
MP3 / iPod

2000s
MP3
Digital

2010s
Smartphone

2020s
Streaming

TECNOLOGIA QUE DEFINIU UMA ERA

ARQUIVOS MP3



Áudio digital comprimido que reduz o tamanho sem perder qualidade.

CLICK WHEEL



Navegação intuitiva, simples e tátil. Revolucionária.

MEMÓRIA DIGITAL



Dzzenas de gigabytes para guardar milhares de músicas e álbuns no bolso.

FONES BRANCOS



Leves, icônicos e prontos para a experiência pessoal da música.

BATERIA RECARREGÁVEL



Horas de música com uma única carga. Liberdade para ouvir em qualquer lugar.



*Feito para durar.
Criado para emocionar.
Feito para a música.*

O MP3 E O IPOD TRANSFORMARAM A MÚSICA EM COMPANHEIRA CONSTANTE. COM BIBLIOTECAS INTEIRAS NO BOLSO, PLAYLISTS PERSONALIZADAS E ESCUTA INDIVIDUAL, ELES MARCARAM A VIRADA DEFINITIVA PARA A ERA DIGITAL PORTÁTIL.

2001 – MP3 E IPOD

MIL MÚSICAS NO BOLSO

A chegada do MP3 e do iPod marcou uma das maiores revoluções da história da música. Pela primeira vez, ouvir canções deixou de depender de discos, fitas ou CDs físicos. A música passou a existir em arquivos digitais, pequenos o suficiente para serem armazenados em computadores e levados em aparelhos portáteis. O que antes ocupava estantes, gavetas e bolsas de CDs agora cabia no bolso. Essa transformação mudou radicalmente a relação das pessoas com a música. O consumo ficou mais rápido, mais flexível e muito mais pessoal. Em vez de ouvir um álbum preso a uma mídia física, o público passou a carregar centenas ou até milhares de faixas em um só aparelho. A ideia de ter “mil músicas no bolso” parecia futurista — e rapidamente se tornou realidade. Foi nesse contexto que o iPod, lançado pela Apple, se tornou símbolo absoluto dessa nova era. Ele não foi o primeiro tocador de MP3 da história, mas foi o aparelho que consolidou o conceito com elegância, simplicidade e enorme impacto cultural. Com ele, as playlists ganharam força, as bibliotecas digitais se expandiram e a música entrou de vez na lógica do arquivo portátil.



O MP3 não é um aparelho, mas sim um formato de compressão de áudio digital. Seu desenvolvimento está ligado principalmente ao engenheiro alemão Karlheinz Brandenburg, em pesquisas conduzidas no Fraunhofer Institute, na Alemanha, entre os anos 1980 e 1990. O MP3 foi criado para reduzir o tamanho dos arquivos de música sem perder demasiadamente a qualidade sonora, o que tornou possível armazenar e compartilhar faixas com muito mais facilidade. Já o iPod foi lançado pela Apple em 2001. O aparelho surgiu sob a liderança da empresa na era de Steve Jobs, com participação importante de equipes de design e engenharia da Apple, incluindo nomes como Tony Fadell, frequentemente associado ao desenvolvimento do produto. Assim, o MP3 nasceu como tecnologia de compressão digital, enquanto o iPod foi o aparelho que ajudou a transformar essa tecnologia em fenômeno de massa.

COMO O MP3 E O IPOD FUNCIONAVAM

O MP3 funcionava como um arquivo digital de áudio comprimido. Em vez de armazenar música em formato físico, ele permitia salvar canções como dados em memória digital. Isso reduzia drasticamente o espaço necessário para guardar uma faixa, tornando viável o armazenamento de grandes bibliotecas musicais em computadores, players portáteis e outros dispositivos.

O iPod funcionava como um tocador portátil capaz de armazenar e reproduzir esses arquivos digitais. O usuário conectava o aparelho ao computador, transferia suas músicas e depois navegava pelas faixas, artistas, álbuns ou playlists diretamente no dispositivo. A experiência era rápida, organizada e pessoal.

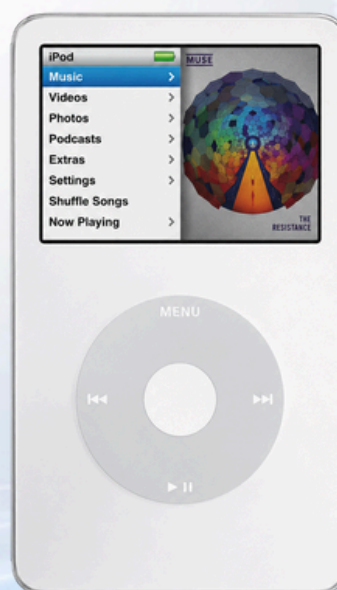
Com fones de ouvido e interface simples, o iPod permitia ouvir música em qualquer lugar. O aparelho dava ao usuário uma sensação inédita de liberdade: escolher o que ouvir, quando ouvir e em que ordem ouvir, sem depender de mídias físicas trocáveis.

A MÍDIA QUE ELE EXECUTAVA

Diferente das tecnologias anteriores, o MP3 e o iPod não dependiam de uma mídia física tradicional como vinil, fita ou CD. A “mídia”, nesse caso, era o arquivo digital, armazenado em memória eletrônica.

Esses arquivos podiam ser transferidos do computador para o aparelho, baixados da internet, organizados em bibliotecas digitais e classificados em playlists. A música passava a circular em ambiente digital, viajando por discos rígidos, downloads, programas de gerenciamento musical, pendrives e players portáteis.

Essa mudança foi gigantesca, porque rompeu com séculos de dependência de suportes físicos. A música se tornou, cada vez mais, informação.



QUAL EMPRESA DISTRIBUIU E POPULARIZOU ESSA FASE

No caso do MP3, a tecnologia foi desenvolvida no ambiente de pesquisa do Fraunhofer Institute, mas sua popularização ocorreu por meio de vários programas, sites e tocadores digitais no final dos anos 1990 e início dos anos 2000. Já o iPod foi criado, distribuído e transformado em fenômeno pela Apple. A empresa teve papel decisivo em tornar o player digital um objeto de desejo e um símbolo cultural. Além do aparelho, a Apple ajudou a reorganizar o mercado musical com seu ecossistema digital, oferecendo uma experiência integrada entre computador, player e biblioteca musical. O iPod não foi apenas um produto de sucesso. Ele virou referência de uma geração e ajudou a consolidar a música digital como novo padrão de consumo.



A IMPORTÂNCIA DO MP3 E DO IPOD PARA A HISTÓRIA DA MÚSICA

O MP3 e o iPod mudaram profundamente a indústria musical e o comportamento do público. Eles romperam com a lógica do álbum físico como centro absoluto da experiência e fortaleceram o consumo individualizado de faixas. As pessoas passaram a montar suas próprias bibliotecas, organizar playlists por humor, momento ou estilo, misturar artistas e criar experiências musicais muito mais livres. A escuta deixou de ser limitada pela quantidade de discos disponíveis e passou a ser guiada pela curadoria pessoal. Essa fase também acelerou a transição da música para o ambiente digital. O consumo ficou mais rápido, mais fragmentado e mais personalizado. O público passou a ter muito mais controle sobre sua trilha sonora, e a indústria precisou se adaptar a novos modelos de distribuição e venda. O iPod, em especial, simbolizou essa mudança ao mostrar que a tecnologia podia ser elegante, prática e emocional ao mesmo tempo. Ele foi a ponte entre o CD portátil e a era do streaming.

CURIOSIDADE HISTÓRICA

Uma das frases mais famosas ligadas ao lançamento do iPod era a promessa de ter **"mil músicas no bolso"**. Essa ideia impressionou o público porque representava um salto gigantesco em relação aos aparelhos anteriores, que dependiam de uma única mídia física por vez.

Outra curiosidade é que, embora o iPod tenha se tornado o ícone máximo dessa fase, ele não foi o primeiro player de MP3. O que a Apple fez foi transformar uma tecnologia já existente em uma experiência muito mais atraente, intuitiva e desejada.



O MP3 e o iPod inauguraram um novo jeito de viver a música. Eles quebraram as limitações do espaço físico e colocaram o som dentro do universo digital, portátil e personalizado.

Com eles, a música ficou mais próxima, mais leve e mais livre. As coleções saíram das prateleiras e entraram nos menus. Os álbuns passaram a conviver com playlists. E o ouvinte ganhou um novo poder: carregar praticamente toda a sua trilha sonora no bolso.

Foi o início de uma era em que a música deixou de ser objeto e passou a ser fluxo. Uma etapa decisiva para tudo o que viria depois.

evolução *dos* players

De aparelho de sala a extensão do corpo



1970-1980
APARELHO DE SALA

A música em casa, para todos ouvirem.



1980-1990
WALKMAN

A trilha sonora que te acompanha por onde você vai.



1990-2000
DISCMAN

Liberdade sem fios, mais som, mais autonomia.



2000-2004
MP3 PLAYER

Suas músicas favoritas no seu bolso.



2004-2010
IPOD

Milhares de músicas na palma da mão. Simples. Elegante. Revolucionário.



2010-HOJE
SMARTPHONE

A música é você. No seu ritmo, a qualquer hora, em qualquer lugar.



TECNOLOGIA • MOBILIDADE • LIBERDADE • CONEXÃO

Em cada geração, a música ficou mais próxima.
Do som que ouvia na sala ao som que vive em você.



CURIOSIDADE HISTÓRICA

A evolução dos players

De aparelho de sala a extensão do corpo

Ao olhar para a trajetória dos tocadores de música, fica claro que eles acompanharam a própria evolução da sociedade. No início, eram grandes aparelhos de sala, pesados, imponentes e quase cerimoniais. Depois, tornaram-se objetos de coleção, equipamentos portáteis, dispositivos digitais e, por fim, aplicativos que hoje cabem dentro do celular.

Cada mudança tecnológica trouxe também uma mudança de comportamento. O gramofone reunia famílias em torno do som. O vinil transformava a audição em ritual. A fita K7 permitia gravações pessoais e playlists afetivas. O walkman individualizou a escuta e colocou a música em movimento. O CD digitalizou a experiência. O MP3 multiplicou bibliotecas inteiras no bolso. E o streaming tornou tudo instantâneo, acessível e praticamente infinito.

Mais do que simples aparelhos, os players mudaram a forma como a música chega até nós.



Eles alteraram o tempo da escuta, o espaço do consumo, o acesso às canções e até a relação entre artista e público. Cada nova tecnologia aproximou a música de um jeito diferente, tornando-a mais presente na rotina e mais conectada com o estilo de vida de cada geração. Hoje, ouvir música parece algo simples. Mas essa simplicidade é o resultado de mais de um século de invenções, tentativas, adaptações e transformações que fizeram o som sair dos grandes salões para se tornar companhia constante no dia a dia.

A MÍDIA MUDOU, MAS A EMOÇÃO CONTINUA

Do fonógrafo ao streaming, muita coisa mudou. Os aparelhos ficaram menores, as mídias físicas foram desaparecendo, a qualidade de áudio aumentou e o acesso à música se tornou praticamente ilimitado. O que antes exigia presença, espaço e objetos físicos, hoje acontece com poucos toques na tela.

Mas existe algo que o tempo nunca conseguiu mudar: o poder da música de tocar as pessoas.

Seja em um disco de vinil, em uma fita K7, em um CD antigo, em um player de MP3 ou em uma playlist online, a música continua sendo memória, sentimento, identidade e companhia. Ela segue marcando momentos, despertando lembranças, acompanhando fases da vida e criando conexões profundas entre pessoas, histórias e emoções.

Cada tecnologia teve seu tempo. Cada geração teve seu jeito de apertar o play. E cada fase deixou marcas profundas na cultura musical. O que muda é o formato. O que permanece é a experiência humana de sentir, lembrar, sonhar, dançar e se reconhecer por meio de uma canção.

A evolução da música é também a evolução da maneira como vivemos. Ela acompanha nossas mudanças, nossos hábitos e nossas emoções. Por isso, mais do que uma história de aparelhos, essa é uma história sobre a própria relação do ser humano com o som e com a sensibilidade.



Do fonógrafo ao streaming, muita coisa mudou. Os aparelhos ficaram menores, as mídias físicas foram desaparecendo, a qualidade de áudio aumentou e o acesso à música se tornou praticamente ilimitado. O que antes exigia presença, espaço e objetos físicos, hoje acontece com poucos toques na tela.

Mas existe algo que o tempo nunca conseguiu mudar: o poder da música de tocar as pessoas.

Seja em um disco de vinil, em uma fita K7, em um CD antigo, em um player de MP3 ou em uma playlist online, a música continua sendo memória, sentimento, identidade e companhia. Ela segue marcando momentos, despertando lembranças, acompanhando fases da vida e criando conexões profundas entre pessoas, histórias e emoções.

Cada tecnologia teve seu tempo. Cada geração teve seu jeito de apertar o play. E cada fase deixou marcas profundas na cultura musical. O que muda é o formato. O que permanece é a experiência humana de sentir, lembrar, sonhar, dançar e se reconhecer por meio de uma canção.



Web Rádio 
Cifra Mix
A Rádio Que Toca Você!

Tem músicas para vender ou liberar para cantores?

Descubra como divulgar sua obra, conquistar visibilidade e abrir novas oportunidades ouvindo a Web Rádio Cifra Mix.

 A rádio que toca você e aproxima sua música de novos artistas.

MÚSICA CONECTA TRANSFORMA

The advertisement features a man with a beard and curly hair sitting at a desk in a recording studio. He is looking towards the camera with a thoughtful expression. The studio is dimly lit with blue and purple lights. A microphone is visible in the foreground, and a sign on the wall reads "LETRA MELODIA EMOÇÃO CONEXÃO".

A história dos players e das mídias musicais mostra que a música sempre encontrou um caminho para chegar mais perto das pessoas. Primeiro, ocupou teatros e salões. Depois, entrou nas casas. Mais tarde, foi para as ruas, para os bolsos, para os computadores e, finalmente, para os celulares.

Hoje, ela está em todos os lugares.

A tecnologia mudou o formato, mas não diminuiu a magia. Pelo contrário: ampliou o alcance, multiplicou as possibilidades e abriu espaço para novos artistas, novas vozes e novas formas de criação e descoberta.

A música evoluiu, os tocadores evoluíram, o público evoluiu. Mas o desejo de ouvir uma canção que emociona continua exatamente o mesmo. No fim de toda essa jornada, o que permanece não é apenas a invenção de um novo aparelho, mas a permanência daquilo que faz a música ser eterna: sua capacidade de tocar a alma humana.



o que é a



MYXA





Plataforma de Lançamento Digital MYXA

A MYXA é uma plataforma de lançamento digital criada para simplificar a divulgação, a apresentação e a visibilidade de novos talentos no mercado musical.

Com uma proposta moderna e acessível, a MYXA ajuda artistas a organizarem sua imagem, suas músicas e seus materiais de divulgação em um ambiente digital mais profissional, facilitando o caminho entre o artista e o público.

A plataforma foi pensada para quem deseja ganhar presença, fortalecer sua identidade artística e ampliar suas oportunidades no cenário musical.

Em vez de depender apenas de postagens soltas nas redes sociais, o artista passa a contar com uma estrutura digital preparada para apresentar seu trabalho de forma mais clara, bonita e estratégica.

Um dos grandes diferenciais da MYXA é a tecnologia Smart Streaming, uma solução que conecta divulgação, organização musical e experiência digital em um só lugar.

Com ela, o artista pode ter suas músicas, capas, informações, links e materiais promocionais reunidos de maneira inteligente, ajudando o público a conhecer melhor sua trajetória e seus lançamentos. A MYXA não é apenas uma vitrine.



Plataforma de Lançamento Digital MYXA

Em vez de depender apenas de postagens soltas nas redes sociais, o artista passa a contar com uma estrutura digital preparada para apresentar seu trabalho de forma mais clara, bonita e estratégica.

Um do Ela funciona como uma ponte entre o talento e a visibilidade. Seu objetivo é dar mais força aos artistas independentes, compositores, cantores e novos nomes da música, oferecendo uma apresentação digital mais profissional e preparada para o mercado atual. Em um cenário onde a atenção do público é cada vez mais disputada, estar bem apresentado faz toda a diferença.

Por isso, a MYXA surge como uma ferramenta importante para quem quer divulgar sua música com mais impacto, organização e credibilidade.

Com a tecnologia Smart Streaming, a plataforma transforma o lançamento musical em uma experiência mais moderna, prática e eficiente, ajudando novos talentos a serem vistos, ouvidos e reconhecidos.



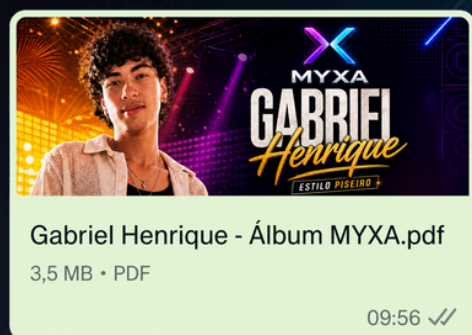


MYXA

ALBÚM ABERTO



ALBÚM COMPARTILHADO



ALBÚM NA PALTAFORMA

MYXA

Gabriel Henrique
O PISEIRO QUE TOCA O CORAÇÃO!

Início
Músicas
Álbuns
Artistas
Playlists
Favoritas

ATIVIDADE

- Reproduzidas
- Recentes
- Downloads

PLAYLISTS

- Piseiro 2026 (50 músicas)
- Sertanejo e Piseiro (42 músicas)
- Top Brasil (100 músicas)
- Hits do Momento (75 músicas)
- Festa e Balada (60 músicas)

VER ÁLBUM COMPLETO

ALBUM OFICIAL
Gabriel Henrique
ESTILO PISEIRO
Gabriel Henrique • 10 faixas • 2026

Lista de músicas

#	TÍTULO	ARTISTA	ÁLBUM	TEMPO	PLAY
01	Meu Jeito de Amar	Gabriel Henrique	Estilo Piseiro	3:28	▶
02	Saudade Danada	Gabriel Henrique	Estilo Piseiro	3:31	▶
03	Piseiro no Coração	Gabriel Henrique	Estilo Piseiro	3:22	▶
04	Te Quero Aqui	Gabriel Henrique	Estilo Piseiro	3:15	▶
05	No Balanço do Amor	Gabriel Henrique	Estilo Piseiro	3:37	▶
06	Vem Dançar Comigo	Gabriel Henrique	Estilo Piseiro	3:24	▶
07	Chuva de Paixão	Gabriel Henrique	Estilo Piseiro	3:29	▶
08	Coração Vaqueiro	Gabriel Henrique	Estilo Piseiro	3:16	▶
09	Noite de Piseiro	Gabriel Henrique	Estilo Piseiro	3:18	▶
10	Amor Sem Freio	Gabriel Henrique	Estilo Piseiro	3:27	▶

Meu Jeito de Amar
Gabriel Henrique • Estilo Piseiro
0:00 / 3:28

Empreender na Música: Um Caminho de Fé, Parceria e Oportunidade

Mais do que talento, é sobre conexão, propósito e transformar vidas através da música.



E. R. Passos

Empreender na área musical é um verdadeiro desafio. Não basta apenas ter talento, vontade ou uma boa música nas mãos. É preciso disciplina, constância, fé e muita força de vontade para seguir em frente, mesmo quando as dificuldades aparecem.

Quem vive da música sabe que o caminho nem sempre é fácil. Divulgar uma canção, apresentar um perfil artístico, alcançar novos ouvintes e conquistar espaço exige investimento, tempo e estratégia. Muitas vezes, o artista acredita no próprio sonho, mas não encontra as ferramentas certas para fazer esse sonho chegar mais longe.

Mesmo assim, uma verdade permanece: *ninguém cresce sozinho*. Podemos até iniciar uma caminhada de forma individual, mas para chegar mais longe é necessário encontrar pessoas boas, comprometidas e que também sonhem parecido.

No mundo atual, especialmente nas redes sociais, um dos grandes desafios é justamente esse: encontrar parceiros verdadeiros, pessoas que acreditam em ideias novas e estejam dispostas a construir algo maior.

E quando essas pessoas se encontram, nada mais pode parar o projeto.

Foi com esse espírito, de união, inovação e oportunidade que nasceu a proposta da Rádio Cifra Mix: uma rádio diferente, criada para dar visibilidade aos novos cantores, compositores e artistas independentes. Mais do que apenas tocar músicas, a Rádio Cifra Mix chega com uma visão inteligente de divulgação, oferecendo espaço para quem deseja mostrar seu trabalho e também criar novas possibilidades de remuneração.

Sabemos que divulgar músicas e fortalecer um perfil artístico pode sair caro. Por isso, a Rádio Cifra Mix apresenta uma nova forma de pensar a rádio, unindo divulgação, parceria e oportunidade para artistas e afiliados.

Na próxima página, você vai conhecer cantores e compositores que acreditaram nesse novo projeto. Pessoas que entenderam que a música precisa ser ouvida, valorizada e compartilhada com o mundo.

A Rádio Cifra Mix nasce para tocar você, tocar sua música e abrir novos caminhos para quem acredita no poder da arte.

Web Rádio
Cifra Mix
A Rádio Que Toca Você!

LANÇAMENTO OFICIAL
DA RÁDIO CIFRA MIX

DIA 20/06/2026

A RÁDIO QUE TOCA VOCÊ
E **MONETIZA** SUA MÚSICA

SAIBA MAIS EM
www.radiociframix.com.br

WHATSAPP
11-97744-1200

Sócios Apoiadores da Rádio Cifra Mix

Artistas que acreditam na força da música independente

A Rádio Cifra Mix nasce com uma proposta diferente: abrir espaço para artistas, compositores e parceiros que acreditam em novas oportunidades para a música independente. Nesta edição, a Revista Cifra Play destaca seis nomes que fazem parte dessa caminhada como sócios apoiadores do projeto.



Ilanna Miranda

Poeta e compositora, Ilanna Miranda transforma sentimentos em arte. Com poemas publicados e uma escrita sensível, encontrou na música um novo caminho para levar suas mensagens ainda mais longe. Suas composições unem emoção, poesia e delicadeza.



Eliênio Correia

De Contagem, Minas Gerais, Eliênio Correia transforma poesias, vivências e sentimentos em canções. Sua caminhada musical ganhou força em 2025, quando passou a adaptar seus textos para melodias. Sua arte busca emocionar e criar conexão com o público.



Inaldo Backman

Cantor e compositor alagoano, Inaldo Backman aposta na música autoral como forma de contar histórias e transmitir emoções. Seu repertório é marcado pelo romantismo, pela verdade na interpretação e pela força de canções feitas com identidade própria.



Dino Roberto

Natural de Tabira, Pernambuco, Dino Roberto carrega o orgulho de suas raízes nordestinas e o amor pela música. Segue compondo e cantando por prazer, amizade e paixão, mostrando que a música também nasce da memória e da verdade de quem canta com o coração.



Mário Antônio

Mário Antônio tem uma trajetória marcada por fé, superação e música. Desde cedo, encontrou no canto e na composição uma forma de transformar lembranças em canções cheias de emoção, esperança e verdade.



Vilmar Bueno

Natural de Pirenópolis, Goiás, e atualmente morando em Cuiabá, Vilmar Bueno começou sua ligação com a música ainda na infância. Com muitas composições prontas, representa a força de quem nunca desistiu do sonho de ver sua música chegar ao público.



Seis histórias, seis talentos e um mesmo propósito:
apoiar a música independente e fazer
a Rádio Cifra Mix tocar cada vez mais longe.



Quem é o Lebrubi?

Manoel Laurindo Filho, o
LEBRUBI: poesia, memória
e contribuição cultural

Entre os anos de 1997 e 2000, Manoel Laurindo Filho, artisticamente conhecido como LEBRUBI, viveu uma fase marcante de sua caminhada cultural. Nesse período, a poesia não ficou restrita às páginas dos livros: ganhou voz, presença e espaço diante do público.



Poesias Compartilhadas

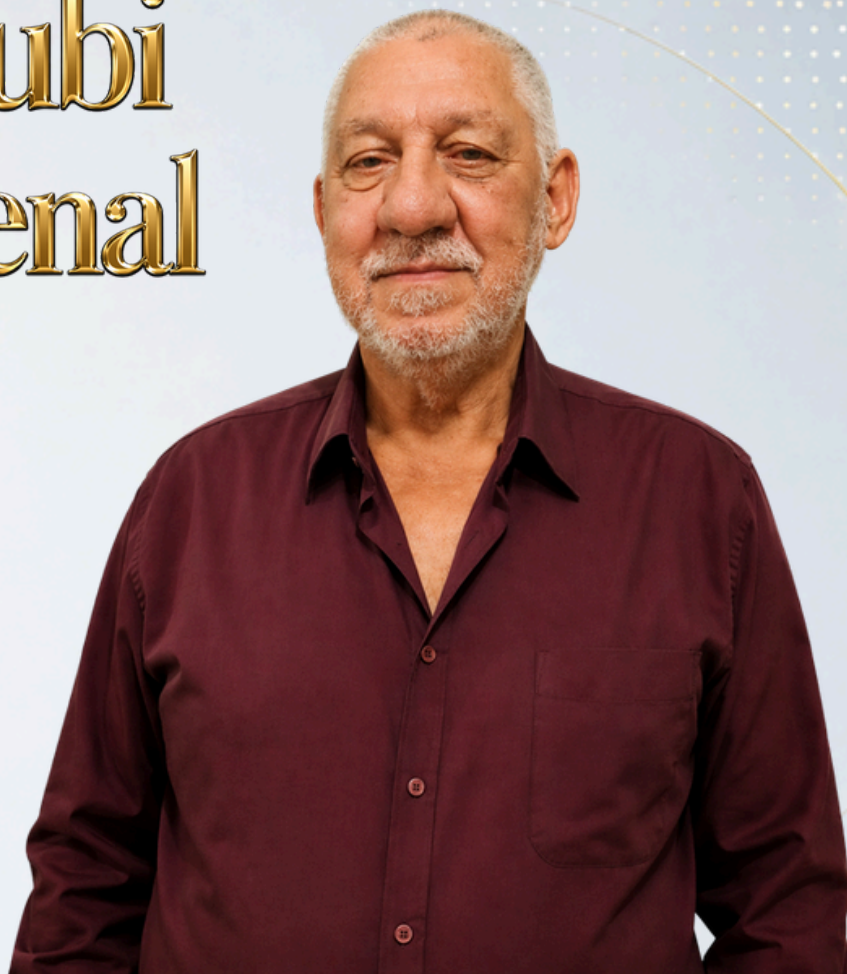
Em Osasco, LEBRUBI frequentou grupos artísticos e realizou apresentações públicas de seus livros de poesias, compartilhando versos, sentimentos e reflexões com a comunidade. Sua participação nesses movimentos ajudou a fortalecer a valorização da arte popular e da expressão poética como forma de comunicação social. Durante essa trajetória, chegou a se apresentar até mesmo na Câmara Municipal de Osasco, um momento significativo em sua passagem cultural.

Para ele, essa experiência representou uma contribuição positiva em prol do povo, mostrando que a arte também pode ocupar espaços institucionais e dialogar com a sociedade.



Sua presença na literatura ultrapassou os limites da cidade. LEBRUBI participou de livros de poesias espalhados por todo o Brasil, incluindo uma coletânea internacional realizada em Caxias do Sul, no Rio Grande do Sul. Esse percurso revela um artista comprometido com a palavra escrita e com a preservação da sensibilidade humana por meio da poesia.

Lebrubi Na Bienal



LEBRUBI não deseja ser lembrado como nome de rua ou de praça. Seu desejo é mais simples e verdadeiro: ser reconhecido como um cidadão pacato que contribuiu para o social no Brasil por meio da arte, da poesia e da música, sem depender dos políticos para fazer sua parte.

E, por falar em política, essa consciência social também aparece em sua obra musical. Entre suas composições está “Coisas Finas”, uma música dirigida aos políticos, carregada de olhar crítico, reflexão e posicionamento artístico.

A trajetória de Manoel Laurindo Filho, o LEBRUBI, mostra que a cultura também é construída por pessoas simples, sensíveis e determinadas. Sua história prova que a poesia e a música podem ser instrumentos de memória, identidade e contribuição social.

Mais do que buscar reconhecimento, LEBRUBI deixa um legado de participação, coragem e amor pela arte brasileira.



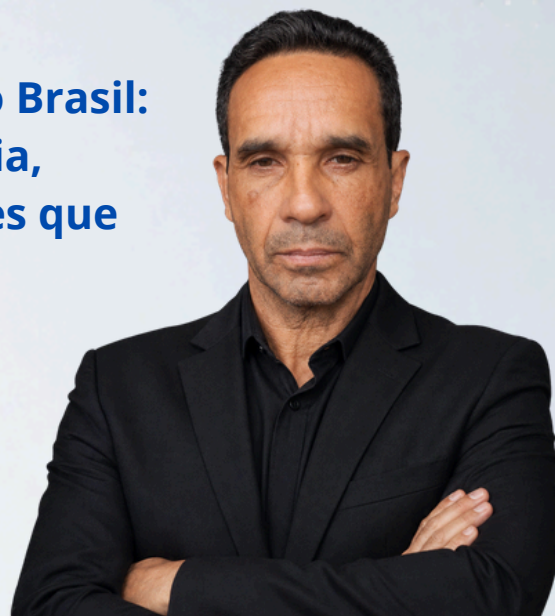
Eliênio Correa

— Da poesia à composição musical —

**De Contagem para o coração do Brasil:
Eliênio Correa transforma poesia,
emoção e tecnologia em canções que
tocam a alma.**

De Contagem, Minas Gerais, Eliênio Correa é um compositor brasileiro dedicado a criar melodias que tocam a alma e contam histórias por meio da música. Sua trajetória artística nasceu ainda na juventude, quando escrevia poesias e expressava sentimentos, vivências e reflexões através das palavras.

Embora a poesia sempre tenha feito parte de sua vida, foi em meados de 2025 que Eliênio passou a transformar seus textos poéticos em composições musicais. Com sensibilidade artística e o apoio das novas tecnologias, especialmente da inteligência artificial, ele encontrou uma nova forma de dar voz às suas ideias e emoções.



Suas composições transitam por diferentes gêneros musicais, sempre com o objetivo de transmitir emoção e criar conexão com o público. Cada nota, cada verso e cada melodia são pensados para tocar o coração de quem ouve, valorizando a linguagem universal da música. As obras de Eliênio Correa refletem experiências pessoais, sentimentos profundos e a riqueza cultural brasileira. Em sua caminhada, a música se tornou uma ponte entre a poesia e a emoção, revelando um artista mineiro em constante evolução, movido pela paixão de transformar palavras em canções.





D'Francismar: *quando a música nasceu no recreio da escola*

Francismar de Souza, artisticamente conhecido como D'Francismar, é compositor e carrega em sua história uma ligação muito verdadeira com a música. Irmão mais velho de uma família de cinco irmãos, ele cresceu em uma realidade simples, onde nem sempre havia condições para ter tudo o que desejava. Mas foi justamente nesse cenário de humildade que nasceu uma das partes mais bonitas de sua trajetória.

Ainda na escola primária, D'Francismar viveu uma experiência que marcaria sua vida. Ele se apaixonou por uma amiga, aluna da mesma escola. Como a situação financeira não era fácil e ele não tinha condições de pagar aquele lanchinho na hora do recreio, encontrou na música uma forma sincera de se expressar.

D'Francismar é a prova de que, quando existe sentimento verdadeiro, qualquer lugar pode virar palco e qualquer objeto pode virar instrumento.

Com vergonha, mas também com muita coragem, ele começou a cantar para ela suas primeiras letrinhas de música, batendo o ritmo em uma lata de Mococa. Era simples, improvisado, mas carregado de sentimento. E, naquela época, deu certo.

Foi assim que a música entrou em sua vida: não por vaidade, nem por interesse, mas pelo desejo puro de tocar o coração de alguém. A lata virou instrumento, o recreio virou palco, e aquelas primeiras letras se transformaram em lembranças que até hoje fazem parte de sua identidade como compositor.

A história de D'Francismar mostra que a música muitas vezes nasce onde menos se espera. Às vezes, ela surge da simplicidade, da timidez, da falta de recursos e da vontade de dizer aquilo que o coração sente. Para ele, compor é mais do que escrever versos: é transformar lembranças, sentimentos e vivências em canção.

Novos Embaixadores Cifra Play



Mario Antônio

a voz de quem venceu a dor cantando a própria história

Entre a fé, a superação e a música, Mario Antônio transforma lembranças difíceis em canções cheias de verdade

A história de Mario Antônio é marcada por luta, fé e música. Desde cedo, ele sempre gostou de cantar, especialmente músicas de Roberto Carlos, artista de quem sempre foi fã. Ao ouvi-lo cantar, muitas pessoas diziam que ele tinha uma boa voz e o incentivavam a criar suas próprias canções.

Foi assim que Mario começou a compor. Suas primeiras músicas agradaram quem as ouviu, e ele nunca mais parou. A música se tornou uma presença constante em sua vida. Ele andava com caneta e papel no bolso, pois qualquer lembrança, sentimento ou situação podia se transformar em uma nova canção. Com o tempo, passou a ser reconhecido como cantor e compositor.

Mas sua caminhada não foi fácil. A infância de Mario foi marcada por dificuldades, dores e muitos desafios. Ainda criança, enfrentou graves problemas de saúde e chegou a ser desenganado pelos médicos. Também foi mordido por uma cobra coral e passou por momentos em que viu a morte de perto.

Em parte da vida, sentiu-se rejeitado pela própria família. Viveu nas ruas, dormiu na praia e depois foi parar em um colégio interno. Ali, conheceu a tristeza e a sensação de abandono. Mesmo assim, não desistiu. Para ele, tudo o que viveu fazia parte de um plano maior de Deus.





Da infância difícil à música, Mario Antônio encontrou na fé a força para vencer, recomeçar e transformar sua história em inspiração.

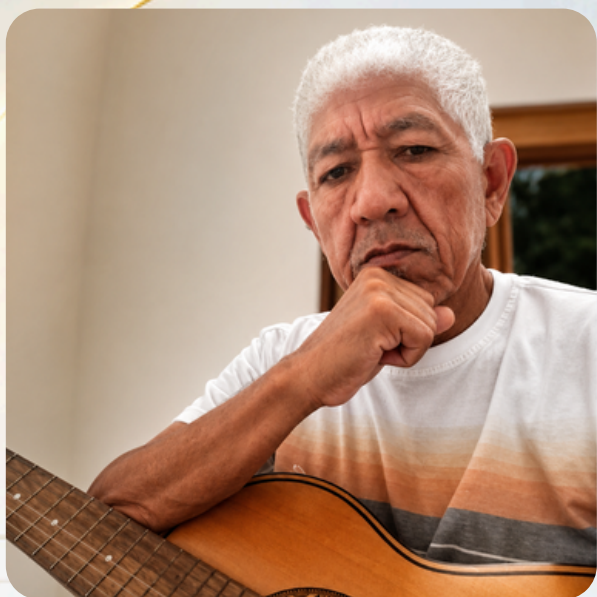
Mesmo crescendo em ambientes difíceis e cercado por pessoas envolvidas com caminhos errados, Mario Antônio escolheu seguir uma vida honesta. Sempre que podia, ia para a escola e buscava uma oportunidade melhor.

Mais tarde, tornou-se pescador e também praticou caça submarina, atividade em que quase morreu afogado. Com o tempo, conheceu uma pessoa que se tornou sua amiga e o ajudou a conseguir um emprego digno. Mario foi trabalhar na ambulância do INPS. Depois, prestou concurso para o Ministério da Saúde, foi aprovado e tornou-se funcionário público.

Mesmo trabalhando, nunca abandonou a música. Continuou compondo e cantando suas canções, sempre colocando nelas sua verdade, sua fé e suas experiências de vida. Uma de suas obras é "SOS Nature", música sobre o meio ambiente disponível no YouTube.

Hoje, aposentado há 15 anos, Mario é pai, avô e carrega uma história de grandes superações. Já enfrentou dois derrames e quase morreu novamente, mas continua de pé, com fé e esperança. Seu desejo é chegar aos 100 anos com saúde, alegria e gratidão.

Ao assumir uma nova missão como embaixador, Mario sente que Deus está abrindo mais uma porta em sua vida. Sua trajetória mostra que a música pode nascer da dor, da fé e da vontade de vencer.



Novos Embaixadores Cifra Play

Cosme Xavier: o professor que guardou canções por uma vida inteira

Entre a matemática, a fé e a música, Cosme Xavier transforma composições guardadas desde a juventude em um sonho realizado na Rádio Cifra Play

A história de Cosme Xavier é daquelas que mostram que a música nunca abandona quem nasceu com ela dentro do peito. Ainda jovem, ele já demonstrava talento e paixão pela arte. Foi baterista em várias bandas musicais, aprendeu a tocar violão e, aos 15 anos, começou a compor suas próprias canções.

Morando no interior, sem muita influência musical e com poucas oportunidades para mostrar seu trabalho, Cosme fez o que muitos artistas de alma fazem: continuou criando. Cada composição nascia como um pedaço de sua história, mas ficava guardada, esperando o tempo certo para ganhar o mundo.

Hoje, aos 67 anos, Cosme Xavier olha para trás com gratidão. A vida o levou também pelo caminho dos estudos. Ele fez faculdade de Matemática e se tornou professor, profissão que exerceu com dedicação e orgulho. Mesmo seguindo outro caminho profissional, a música permaneceu viva dentro dele, como uma chama que nunca se apagou.



A arte também floresceu em sua família. Dois de seus filhos, **Muller Magno** e **Tâmara Graziele**, são cantores em Pojuca, na Bahia, mostrando que o dom musical atravessou gerações e continuou ecoando dentro de casa.

Foi pesquisando novas oportunidades que Cosme conheceu a Rádio Cifra Play. Ao encontrar esse espaço de valorização para artistas e compositores, decidiu dar um passo importante: realizar o sonho de ver suas músicas alcançarem outras pessoas.



Ilanna Miranda: da poesia à música, uma história escrita com emoção

A história de Ilanna Miranda com a música começa, antes de tudo, pela poesia. Uma poeta apaixonada pelas palavras, pelos sentimentos e pela capacidade que a escrita tem de transformar emoções em arte.

Desde os primeiros anos escolares, Ilanna já demonstrava um forte amor pela escrita. Fazer redações era mais do que uma atividade escolar: era uma forma de expressar o que sentia, observar o mundo ao redor e dar vida às emoções através das palavras.

Apassionada por descrever lugares, sentimentos, pessoas e comportamentos, ela encontrou na poesia um espaço de liberdade e realização. Com sensibilidade e dedicação, escreveu mais de trezentos poemas, posteriormente publicados no Clube de Autores. Ver seus poemas publicados já era uma grande conquista. Era a realização de um sonho construído com inspiração, talento e amor pela literatura. Mas a vida, como ela mesma acredita, é uma roda que gira e sempre nos surpreende.

Novos Embaixadores Cifra Play



Foi então que surgiram os aplicativos de inteligência artificial. Em tom de brincadeira, Ilanna resolveu experimentar algo novo: transformar alguns de seus poemas em músicas. O que começou como uma simples curiosidade acabou se tornando uma grande paixão.

O resultado foi surpreendente. Aqueles poemas, antes escritos para serem lidos, ganharam melodia, emoção e uma nova forma de alcançar as pessoas. A poesia virou música. E a música abriu um novo caminho em sua trajetória artística.

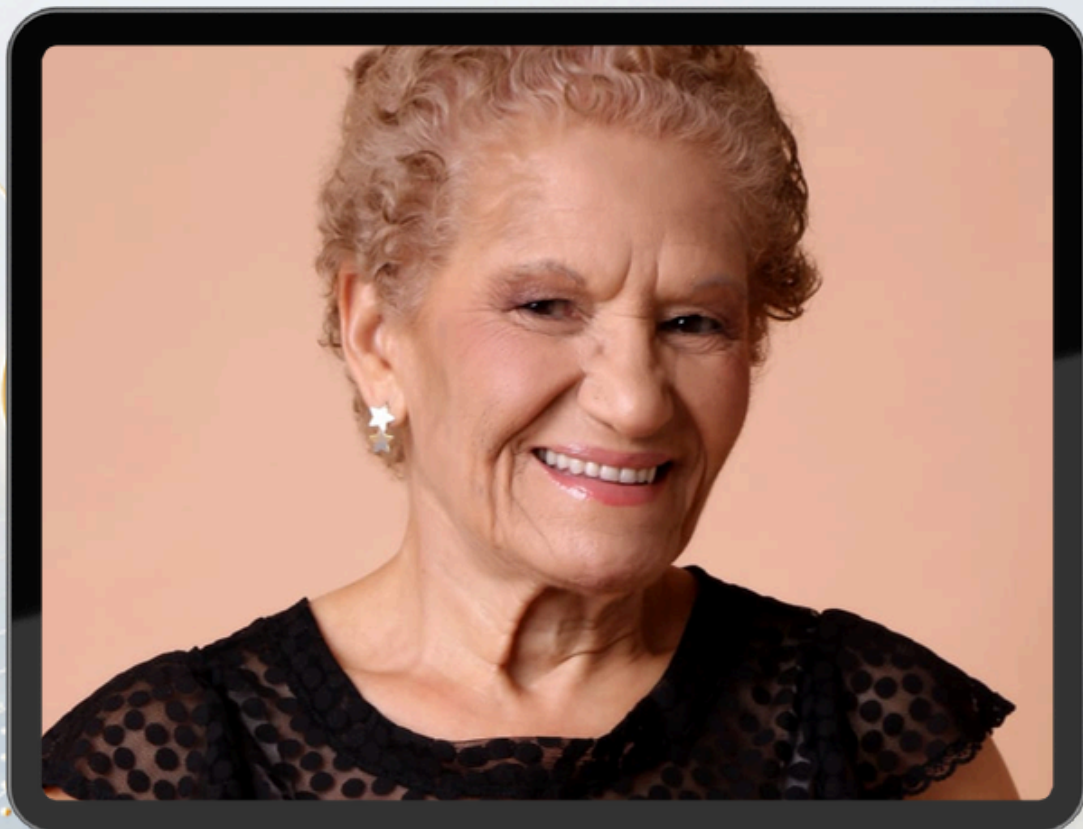
Hoje, Ilanna Miranda deseja ver suas canções sendo divulgadas, tocando vidas e conquistando milhares de corações. Cada composição carrega um pedaço de sua alma, de sua observação sobre o mundo e de sua sensibilidade como poeta.

Nesse novo momento, ela encontrou na Rádio Cifra Play um espaço de apoio e valorização. Para Ilanna, a rádio surgiu como um foco de luz, iluminando sua caminhada artística e ajudando seus sonhos a se tornarem realidade.

Com gratidão, ela reconhece a importância desse trabalho dedicado aos compositores e músicos independentes, que muitas vezes precisam apenas de uma oportunidade para mostrar seu talento ao mundo.

A trajetória de Ilanna Miranda é um exemplo de reinvenção, coragem e sensibilidade. A poesia abriu as portas, a tecnologia trouxe novas possibilidades e a música se tornou um novo caminho para levar sentimentos ainda mais longe.

Mais do que composições, suas canções são mensagens vindas do coração. E agora, com fé, talento e apoio, Ilanna segue determinada a emocionar, inspirar e conquistar todos aqueles que ouvirem sua arte.



CLÁUDIO LODI: UMA HISTÓRIA DE SUPERAÇÃO, RECOMEÇOS E DESCOBERTA MUSICAL AOS 61 ANOS



Cláudio Donizete Lodi, artisticamente conhecido como Cláudio Lodi, carrega uma trajetória marcada por trabalho, fé, desafios, mudanças de caminho e uma surpreendente descoberta no universo da música.

A música sempre esteve presente em sua família. Seu pai, durante a adolescência, e seu avô paterno eram músicos. Eles davam aulas de teclado e instrumentos de cordas. Mesmo crescendo próximo a esse ambiente musical, Cláudio conta que, naquela época, apenas admirava a música, mas não sentia interesse nem acreditava ter aptidão para seguir por esse caminho.

Ainda muito jovem, aos 13 anos, começou a trabalhar com som automotivo no bairro de Santana, na Zona Norte de São Paulo.

Permaneceu nesse ramo por cerca de 30 anos, construindo sua vida profissional com dedicação e esforço.

Com o passar do tempo, as lojas de som começaram a fechar, e Cláudio precisou buscar uma nova direção para sua vida profissional.

Foi então que surgiu uma oportunidade na televisão. Cláudio trabalhou no SBT, na novela Amor e Revolução, durante nove meses, interpretando o personagem garçom Alfredo, nome dado pelo ator Cacá Rossetti.

Além da novela, também participou de comerciais, longas-metragens, documentários, como O Maníaco do Parque, e teve experiência no teatro, atuando em uma peça no Teatro Bibi Ferreira.

Depois de aproximadamente dois anos e meio nesse novo caminho artístico, Cláudio sofreu um acidente durante uma gravação e precisou ficar afastado por nove meses. Esse período trouxe mudanças importantes para sua vida profissional e financeira.

Foi nesse momento que uma amiga, a atriz Silvia Mendes, sugeriu que ele trabalhasse como “marido de aluguel”. No início, Cláudio levou a sugestão na brincadeira, mas depois entendeu melhor a proposta, pesquisou sobre a área e decidiu se preparar.



Com determinação, Cláudio fez vários cursos na área civil, aprendendo sobre reformas, pintura, elétrica e outros serviços necessários para iniciar uma nova carreira.

Hoje, ele possui sua própria empresa e já soma 22 anos de atuação nesse ramo. No fim de 2025, tinha três obras agendadas, mas acabou sendo deixado na mão por um funcionário.

Sem alternativa, assumiu praticamente sozinho a responsabilidade de concluir todos os trabalhos. Segundo Cláudio, foi ele e Deus, que lhe deu força para terminar tudo até o fim do ano.

Após cumprir essa missão, decidiu descansar nos primeiros 15 dias de 2026. Foi justamente nesse período de pausa que algo inesperado aconteceu.

Ao ver uma propaganda nas redes sociais dizendo: “mande sua letra e vamos transformar em música”, resolveu escrever uma letra, inicialmente apenas por brincadeira.

O Dia em que a Música Revelou um Novo Caminho

A surpresa veio logo depois: a música ficou ótima.

Empolgado com o resultado, Cláudio começou a escrever cada vez mais. Em apenas 10 dias, já havia produzido cerca de 30 músicas.

Ele enviou suas composições para amigos e também publicou conteúdos no YouTube, TikTok e Instagram, recebendo boas visualizações e comentários positivos.

Hoje, Cláudio Lodi já conta com aproximadamente 180 músicas registradas, todas prontas para serem gravadas.

Além de compositor, ele também iniciou aulas de canto.

Segundo ele, antes se considerava desafinado e sem ritmo, mas novamente foi surpreendido. Sua professora elogiou sua afinação e a qualidade de suas músicas.



Aos 61 anos, Cláudio enxerga essa nova fase como uma revelação divina. Para ele, Deus o capacitou e o conduziu a um caminho que jamais imaginou trilhar nessa etapa da vida.

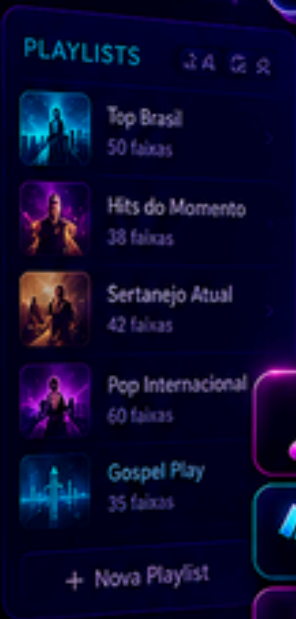
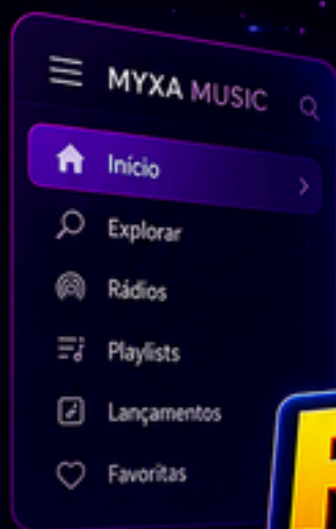
Com gratidão, reconhece o apoio da esposa, dos amigos e, de forma especial, o carinho, a força e o incentivo da Rádio Cifra Play.

Em breve, Cláudio Lodi pretende gravar suas músicas e seguir levando sua arte para onde Deus permitir.

Sua história mostra que nunca é tarde para recomeçar, descobrir um talento escondido e transformar experiências de vida em canções.



“Aos 61 anos, Cláudio Lodi descobriu na música um novo chamado, transformando fé, superação e experiência de vida em canções.”



MYXA

FRANQUIA DIGITAL MYXA



-  Para quem tem muita **música boa**
-  Ganhe na **revenda**
-  Mais exposição na **Rádio Cifra Play**
-  Na **Revista Cifra Play** e no **MYXA**
-  Ganhe de **20% a 40%** de **comissão**
-  Mais **vantagens exclusivas**



20% a 40%
DE COMISSÃO

 **Seja um franqueado e eleve sua *carreira musical* para outro nível**

 **Saiba mais no *WhatsApp***
11 97744-1200



Talentos que Merecem Destaque

Os artistas apresentados a seguir são cantores e compositores que representam a força da música independente. A **Rádio Cifra Play** valoriza esses talentos, dando visibilidade a vozes, composições e histórias que inspiram e emocionam.



Conheça e apoie os talentos apresentados a seguir.



www.cifraplay.com.br



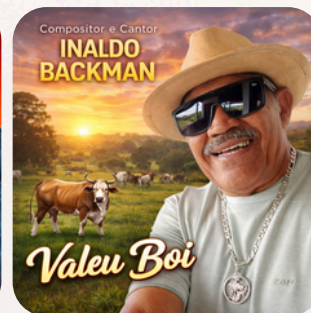
LANÇAMENTOS NA RÁDIO
CIFRA PLAY ▶



LANÇAMENTOS NA RÁDIO
CIFRA PLAY



LANÇAMENTOS NA RÁDIO
CIFRA PLAY



LANÇAMENTOS NA RÁDIO
CIFRA PLAY ▶





Web Rádio 
Cifra Mix

A Rádio Que Toca Você!

Sua música **tocando** em uma rádio de verdade — e ainda **gerando oportunidades!**



Você já imaginou ouvir a sua música tocando em uma rádio de verdade e ainda ganhar dinheiro com isso?



Na **Rádio Cifra Mix**, isso é possível.



Aqui, você escolhe um dos nossos planos disponíveis, coloca sua música para tocar, ganha visibilidade, fortalece seu nome artístico e ainda pode transformar sua arte em oportunidade de renda.



Porque sua música não nasceu para ficar parada. Ela nasceu para ser ouvida, divulgada e valorizada.



Se dinheiro é música para os seus ouvidos, então venha para a **Cifra Mix**.



SUA MÚSICA NO AR

Sua música tocando para milhares de ouvintes todos os dias.



MAIS VISIBILIDADE PARA O ARTISTA

Seu trabalho divulgado para um público que ama música.



OPORTUNIDADE DE RENDA

Transforme sua arte em resultados reais com nossos planos.



Entre em contato pelo WhatsApp:

11 97744-1200

Rádio **Cifra Mix**. A rádio que toca você.



www.radiociframix.com.br



MUKI GAMES

Assistência Técnica Especializada



MANUTENÇÃO E REPAROS
DE CONSOLES



CONTROLES,
ACESSÓRIOS E PEÇAS



ATENDIMENTO TÉCNICO
COM QUALIDADE E CONFIANÇA



SOLUÇÕES RÁPIDAS
PARA JOGADORES EXIGENTES



SEU GAME
EM BOAS MÃOS!



Loja - 3313-7820



Assistência Técnica - 3326-4858



WhatsApp: 97679-2411



xgamesricardo@gmail.com



@xgamesmuki



Rua Santa Ifigênia, 64 - 1º Andar - Loja 22 - Santa Ifigênia - SP